



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BÁRBARA MENDES LIMA

Corpo para contar histórias e a produção [de imagens] de si: Exposição em questão da
[semi]nudez online

Florianópolis

2019

Bárbara Mendes Lima

CORPO PARA CONTAR HISTÓRIAS E A PRODUÇÃO [DE IMAGENS] DE SI:
Exposição em questão da [semi]nudez online

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora para fins de avaliação e a obtenção de título de Bacharel em Antropologia.
Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Leticia Cesarino

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lima, Barbara
CORPO PARA CONTAR HISTÓRIAS E A PRODUÇÃO [DE IMAGENS] DE
SI : Exposição em questão da [semi]nudez online / Barbara
Lima ; orientador, Leticia Cesarino, 2019.
93 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Antropologia,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Nudez online. 3. Produção de imagens
de si. 4. Corpo. 5. Subjetividades. I. Cesarino, Leticia.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Antropologia. III. Título.

Bárbara Mendes Lima

CORPO PARA CONTAR HISTÓRIAS E A PRODUÇÃO [DE IMAGENS] DE SI:
Exposição em questão da [semi]nudéz online

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora para fins
de avaliação e obtenção do título de Bacharel em Antropologia, orientado
pela Prof^a. Dr^a. Leticia Maria Costa da Nóbrega Cesarino

Florianópolis, 19 de junho de 2019.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Leticia Maria Costa da Nóbrega Cesarino. Departamento de Antropologia/UFSC
Presidenta da Banca Examinadora

Prof. Rafael Victorino Devos. Departamento de Antropologia/UFSC 1º Examinador

Prof^a. Raquel de Barros Pinto Miguel. Departamento de Psicologia/UFSC 2º Examinadora

AGRADECIMENTOS

Um obrigada especial à Beatriz e ao Mike.

Agradeço às amigas e amigos da graduação que estiveram nas disciplinas direcionadas para a elaboração dos pré-projetos de TCC, pelos seus comentários, incentivos e questionamentos, especialmente Matheus, Thaise, Fer, Jessé, Onete, Josanne, Raquel e Ju. Também agradeço aos professores dessas disciplinas e à minha orientadora, prof^ª Letícia Cesarino.

Agradeço à Bárbara, Koryander, e toda equipe da Revista Poder de Mulher. Também sou imensamente grata por ter conhecido Elis, pelas conversas, e também por toda a colaboração para pensar a produção de fotografias. Agradeço a todas as pessoas que colaboraram com este trabalho e dispuseram uma parte de seu tempo para conversar comigo.

Sobretudo, meus mais sinceros agradecimentos ao meu pai e minha mãe por todo incentivo, desde que comuniquei a escolha de curso.

RESUMO

Este trabalho apresenta discussões sobre a produção de imagens íntimas de si: autoexpostas online ou imagens oriundas de ensaios sensuais. Essas discussões têm como centro a relação entre a imagem, o online e construção de subjetividades, levando em consideração, a exteriorização da intimidade. No contexto desse trabalho, o corpo é um elemento importante para tal relação, sendo algumas trajetórias de vida abordadas trazendo o corpo como referência central para contar histórias e acessar memórias. Autoconhecimento e autoestima são categorias que permeiam o trabalho, assim como a pornografia, o duo público-privado e empoderamento-hiperssexualização, tratando-se, portanto, de continuidades, contradições e deslocamentos entre o on e off.

Palavras-chave: Autoestima; Subjetividades; Online; Offline; Corpo; Imagens íntimas.

ABSTRACT

This work presents discussions about the production of intimate images of self: self-exposed online, or images from sensual essays. These discussions center on the relation between image, online and construction of subjectivities, taking into consideration the exteriorization of intimacy. In the context of this work, the body is an important element for this relation, and the life trajectories are approached bringing the body as the central reference to tell stories and access memories. Self-knowledge and self-esteem are categories that permeate this work, as well as pornography, the public-private duo, and empowerment-hypersexualization, thus dealing with continuities, contradictions and displacements between on and off.

Keywords: Self-esteem; Subjectivities; Online; Offline; Body; Intimate images.

Sumário

Introdução	8
1. Escolhas metodológicas e o contexto da pesquisa: O erótico na <i>internet</i> e a noção de “real” 13	
1.1. Sobre o campo e metodologia.....	13
1.2 O vínculo entre o <i>online</i> , pornografia e os debates feministas	18
2. Contradições, continuidades e descontinuidades: o potencial criativo das reiteraões	28
2.1 O corpo no <i>selfie</i> e [quais] corpos no <i>#lingerie day</i>	29
2.2 O <i>lingerie day</i> e suas contradições.....	34
2.2.1 Risco e controle.....	35
2.2.2. As biscoiteiras	39
2.2.3 Objetificação e empoderamento.....	41
2.2.4 “Só para macho bater uma	45
2.2.5 Assédio.....	50
2.3 Apropriação e autenticidade/imitação.....	52
3. Imagem e corpo online: As relações entre exposição, autoestima e autoconhecimento	56
3.1 A prevenção como foco	64
3.2 Mudança e autoaceitação	67
3.3 Beleza e saúde mental.....	69
3.4 Representatividade.....	69
3.5 Câmera e autenticidade.....	71
3.6 Roupa como interferência.....	72
3.7 Memória.....	74
3.8 Autoestima, autoconhecimento e empoderamento: senso comum e sentido mercadológico	76
3.8.1 Autoestima como recurso publicitário	77
Considerações finais.....	83
Glossário.....	86
Referências bibliográficas	91

Introdução

As mídias digitais colocam em jogo um processo de exposição de intimidade. Com a disseminação das mesmas, “pessoas comuns” podem com mais facilidade criar seu próprio conteúdo e expor seu cotidiano. A exposição de intimidade a ser tratada neste trabalho refere-se as fotos íntimas; termos como *selfies* e *nudes*, por exemplo, passaram a ser mais comuns em nosso vocabulário.

A exposição de “mulheres comuns” em páginas na *internet* é frequentemente acompanhada de discursos descrevendo esta prática como algo mais autêntico, em contraposição às habituais reproduções de “padrões de beleza”. Dessa forma, a *internet* proporcionou uma mudança importante no lugar de produção desse tipo de conteúdo em que mulheres podem produzir fotos e vídeos de si mesmas.

A pesquisa centra nos ensaios sensuais, que são pagos por mulheres e feitos com auxílio de fotógrafas. Normalmente, relatos das mulheres e fotos são expostos nos *websites* dessas equipes de fotografia, e também muitas vezes nas suas contas em mídias digitais – como *Facebook*, *Instagram* e *Tumblr*, como nas redes sociais das próprias fotografadas. De outro lado, há a exposição de fotos íntimas produzidas de forma caseira, cujo ambiente mais acompanhado foi o *Twitter*.

A construção de subjetividades e sua relação com a imagem da *internet* constam como pontos centrais, envolvendo, no decorrer do que será apresentado, algumas palavras-chaves como autoestima, autoconhecimento, empoderamento. O tema também envolve algumas contradições que perpassam uma visão da autoexposição como de um lado “empoderadora”, e de outro lado, “objetificante” – no sentido de hipersexualização – ou algo que corrobora com posicionamentos machistas.

Os *selfies* são modelos de imagens que colocam o corpo como elemento central da imagem. Imagem e corpo são centrais para pensar as subjetividades construídas *online*. No caso da autoexposição de [semi]nudez, é comum a narrativa de que se ver pela imagem permite “se conhecer”, “se ver com outros olhos”, “se descobrir”. Além disso, *online*, a publicação desse tipo de imagem envolve sempre interações, sejam elas positivas ou negativas, elogios ou comentários pejorativos, memes, debates acerca dos limites da exposição. A exposição desse tipo de imagens é geradora de múltiplos engajamentos, sendo mais que um ato meramente individual, porque envolve sobretudo interações.

Os *selfies*, ou outras produções de imagens de si, caseiras ou profissionais, a fetichização do “real” e o discurso de “mulheres comuns”, e sobretudo, conectado a uma contranarrativa às pornografias *mainstream* e outras formas de representação de mulheres consideradas machistas, permitem entender o contexto de proliferação desse tipo de conteúdo.

Perpassando os capítulos, são mapeadas algumas contradições que envolvem a prática, acusada por vezes de ser um ato individual, politicamente contraproducente e de nenhuma forma, empoderadora. De outro lado, é justificada através da quebra de padrões de beleza, busca por autoestima e autoconhecimento ou simplesmente “porque achei bonito”. As legendas apresentam falas de superação, de problemas com o próprio corpo e de desafio aos padrões hegemônicos de beleza.

Empoderamento, palavra-chave, é um argumento pouco utilizado por quem posta esse tipo de conteúdo, e mais utilizado por quem contesta a exposição, ou mesmo pelas fotógrafas responsáveis pelos ensaios profissionais. Os argumentos trazem desconfiança da nudez das mulheres como prática empoderadora e desconfiança da própria noção de “liberdade sexual”, vista como “armadilha”. Há uma redução bastante comum dessas práticas de exposição consensual de conteúdo íntimo, colocando os homens enquanto centro, vistas como somente vantagens ao gênero masculino, sendo bastante comum a acusação de se estar beneficiando homens.

A pesquisa foi realizada *online* e *offline*. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com fotógrafos, diálogos com mulheres [auto]fotografadas, acompanhamento de eventos que ocorreram *online* e que tinham relação com a autoexposição de nudez, como o *#lingerieday*. Narrativas das páginas e páginas de fotógrafas também foram acompanhadas.

A intenção seria salientar as questões de criatividade a apropriação de elementos das típicas representações problemáticas de mulheres, como as capas de revistas ou a pornografia *mainstream*, dessa forma, observando rupturas e continuidades entre estas e a contranarrativa presente na autoexposição *online*.

Durante a escrita, optou-se por dar centralidade às contradições presentes nessas práticas de autoexposição de nudez *online*. Escolhas metodológicas e dilemas éticos também foram perpetuados na fase de escrita, sobretudo, pois além do tema envolver imagens, estas imagens estavam em contexto de tratamento da intimidade de outrem.

Também procuro propor reflexões metodológicas quanto ao campo *online*, e também levando em conta minhas escolhas, como a de manter minha conta pessoal para a pesquisa, e não criar uma específica para a mesma, assim como a de pensar como as ferramentas e recursos que as mídias digitais ofereciam para dialogar com as interlocutoras.

No capítulo um, procuro contextualizar a pesquisa apontando algumas dificuldades e como se deu a pesquisa de campo, abordando alguns dilemas éticos e discutindo escolhas metodológicas. Além de tratar do contexto da pesquisa, parto de um ponto mais amplo sobre a [auto] exposição, como as perspectivas de interpretar a pornografia e surgimento de novos nichos e estéticas, além de discursos que se colocam como contranarrativa de como as mulheres são normalmente representadas, que corpos estão presentes, como são apresentados. Também são propostas reflexões de como a internet proporcionou essas mudanças, adiantando alguns pontos importantes, como a relação entre autoestima, autoconhecimento e o estar *online*.

A partir do evento do dia da lingerie no *Twitter*, o segundo capítulo aponta diferentes discursos sobre o evento e contradições, como público/privado, objetificação/empoderamento, autoestima/insegurança, se o evento pode ser algo que reafirma posicionamentos machistas ou se posiciona contra eles, reafirma ou contesta padrões de beleza?, origem do evento/apropriação, fora/dentro de padrões estéticos, risco/controle, autenticidade/busca por atenção, armadilha/liberdade.

Dessa forma, dialoga com o capítulo anterior, sobretudo com os debates sobre a pornografia. Esse capítulo também aborda narrativas sobre o real em contraposição às capas de revistas e referências hegemônicas, tomando a questão da autenticidade, da imitação/repetição e da apropriação. Este segundo capítulo, procura evidenciar, por meio de *print* de *tweets*, algumas interações debatendo a temática.

O terceiro e último capítulo, mais etnográfico, discute a relação entre imagem, corpo, construção de subjetividades e exposição da intimidade *online*, trazendo trajetórias de vida - contadas através da referência ao corpo como algo central – que informam sobre narrativas de autoaceitação, autoconhecimento, autoestima e as próprias motivações para fazer um ensaio sensual ou postar um [semi]*nude*.

Os relatos nesse terceiro capítulo acionam temas como o da representatividade, autoestima, autoconhecimento, performance, ser um ponto de referência para alguém, saúde, trabalho, memória, mudança, conformidade, assédio, hiperssexualização, autenticidade e noção do “natural” e daquilo que é “artificial”. Autoestima e autoconhecimento são temáticas tratadas no fim do capítulo, dialogando com múltiplas noções que estes termos apresentam e também o contexto de mercado, cada vez mais crescente, em que estão inseridos. Nesse sentido, e em conjunto com a palavra “empoderamento”, detém outras controvérsias a serem tratadas adiante. Também, finalmente, pretende-se comparar, de forma geral, alguns discursos dos *websites* de fotógrafas.

A antropologia digital se mostra transversal às áreas de produção antropológica, segundo Boellstorff (2012), dessa forma não constitui um campo em si. A pesquisa pode contribuir com as discussões metodológicas ainda recentes no que concerne o digital na antropologia, já que há poucos estudos empíricos produzidos sobre a temática. As pesquisas específicas sobre o tema aqui abordado se concentram mais no *revenge porn* - pornografia da vingança, que é uma prática de exposição de nudez não consensual. Dessa forma, não há muito escrito especificamente sobre o tema da nudez autoexposta.

O *online* mostrou-se um ponto importante para se pensar as construções de subjetividades, já que permite, inclusive, interações que não seriam possíveis *offline*. O *online*, no senso comum, é visto muitas vezes como um domínio necessariamente separado do “real” e como se as interações que lá acontecessem fossem menos legítimas ou menos válidas. Continuidades e descontinuidades de práticas podem ser mapeadas em relação do *offline* com o *online*, pois este último pode atualizar ou apresentar uma quebra com fenômenos que já existiam antes¹. No caso da autoexposição de nudez, esse fenômeno apresenta mais descontinuidades, pois não há algo tão similar que já acontecesse *offline*.

O que é colocado de novo em relação ao *offline*, principalmente, é a questão da autoria, sendo a maior descontinuidade. A exposição de nudez de mulheres na mídia, *offline*, poderia ter como exemplos a pornografia, revistas masculinas, quadros e fotografias, normalmente representadas por um “olhar masculino” ou um outro olhar que não o delas mesmas. A questão da autoexposição, da autoria da produção dessas imagens, que seria das próprias mulheres, está ligada ao advento das mídias digitais enquanto maior possibilidade de produzirmos nosso próprio conteúdo.

Como há muito mais descontinuidades que continuidades, o *online* necessariamente não é uma mera réplica de relações *offline*, e cria engajamentos que lhe são próprios. Assim, nem sempre o que está *offline* precede o *online*, ou há entre eles uma correspondência.

O *online* também apresenta especificidades metodológicas quanto ao *offline*, como por exemplo, a questão dos sentidos. Conforme trazido por uma das interlocutoras, e também apresentado no terceiro capítulo, não é que haja ausência de sensações, ver alguém pela tela. De certa forma, nos comunicamos a partir das ferramentas que tal plataforma digital oferece. Em algumas plataformas, como o *Instagram*, gravar áudios como mensagem direta a alguém é um recurso bastante recente. Conversar com uma interlocutora por áudio no *Whatsapp* é muito diferente que escrever nas mensagens diretas no *Twitter*. Assim como a experiência no *Skype* é

¹ Débora Leitão e Laura Graziela Gomes (2018) apresentam esses questionamentos ao tratar de identidades trans no *Second Life*, o online seria apenas uma extensão de subjetividades que já estavam dadas antes?

muito diferente destas últimas, ou de conversar, mesmo de forma não anônima, pelo *Curious Cat*, ou pelo bate-papo do *Facebook*. Pensar metodologicamente inclui pensar nas próprias formas de comunicação que as mídias digitais oferecem, cada uma envolvendo um tipo de comportamento considerado adequado diferente. As plataformas apresentam não só ferramentas para criar contatos, mas para desfazê-los, talvez desfazer o contato comigo por exemplo, de forma *online*, seja muito mais simples e naturalizado do que fazer essa ruptura *offline*.

A associação entre várias plataformas fez com que eu pudesse acompanhar discussões além do *Twitter*, como o vínculo entre *Twitter* e *Curious Cat*, já que este último permite que as publicações sejam automaticamente postadas e vinculadas a uma conta do *Twitter*. O uso da minha própria conta ajudou a contatar interlocutoras e também foi fruto da própria organização das imagens, em como “selecionei” quem iria contatar, por exemplo.

O objetivo central da pesquisa se tornou expor as contradições que envolvem a prática de exposição de intimidade em termos da nudez autoexposta *online*. Esse próprio objetivo reside enquanto opção metodológica e também aproxima a relação entre autoestima e exposição *online* – e no que isso tem a dizer com a produção e experimentação de si, suscitando reflexões sobre a articulação de imagem e corporalidade, autenticidade e produção do cotidiano, do ordinário, do “real”.

Assim, não se deve desdenhar do *online* enquanto uma boa forma de refletir sobre as interações sociais e os modos pelos quais sujeitos se tornam sujeitos. Sendo este, um “espaço” propício para pensar autenticidade e visibilidade. O tema principalmente envolve refletir sobre o digital através de uma perspectiva de gênero, tendo como intenção articular debates sobre a produção de imagens e sua relação com a produção do corpo e construção de subjetividades.

1. Escolhas metodológicas e o contexto da pesquisa: O erótico na *internet* e a noção de “real”

Algumas inquietações presentes que motivaram a pesquisa são como as mulheres fotografadas (ou autofotografadas) significam esse ato de exposição, como se sentem, o que as levou a produzirem um ensaio fotográfico ou a postarem fotos nuas ou seminuas, o que pretendem comunicar e como a produção de imagens pode influenciar no modo como percebem a si mesmas. Dessa forma, questões centrais como imagem, corpo e subjetividade se encontram entrelaçadas e permitem discutir a relação entre a exposição na *internet*, autoconhecimento e noções de autoestima, discussão adiantada neste capítulo e que perpassa os seguintes.

Este primeiro capítulo pretende relatar algumas indagações sobre o período de pesquisa de campo, metodologia utilizada, e, a partir disso, contextualizar o tema de pesquisa. Ele traz uma discussão mais geral do tema, tendo como ponto de partida uma direção presente no projeto de TCC e deixada em aberto, que demonstra uma conexão interessante com o tema aqui apresentado: quais sejam, os debates e as mudanças na pornografia. Não há presunção de definir ou de categorizar os ensaios fotográficos e *selfies* como pornográficos, mas refletir sobre esse próprio processo de categorização do erótico, pornográfico, sensual, etc.

1.1. Sobre o campo e metodologia

Algumas possíveis limitações deste trabalho dizem respeito ao apego a alguns pontos, que dificultaram a fase de recorte do tema. O próprio projeto contava com várias possibilidades de equipes de fotógrafas, mas esses *insights* (de outras equipes e forma de autoexposição de nudez) também auxiliaram a pensar o que consta como central. Outro ponto a ser ressaltado é como o campo acabou redirecionando as questões que pretendiam ser centrais, o que de certa forma também ajudou no recorte do que seria apresentado.

A pesquisa, de cunho etnográfico, foi dividida entre as formas caseiras ou amadoras e as formas profissionais desse tipo de conteúdo. De um lado, estão os *selfies* compartilhados no *Twitter* que expõem nudez (explícita) ou seminudez (como fotos de lingerie), cujo contato se deu apenas *online*. De outro, estão mulheres que realizaram ensaios sensuais e os compartilharam nas mídias digitais. O contato, com estas, se deu tanto *online* como *offline*. Os

ensaios sensuais que foram acompanhados são serviços pagos pelas mulheres e contam com uma equipe de fotógrafas, maquiadoras, cabeleireiras².

Embora tenha realizado pequenas entrevistas estruturadas para conhecer o projeto/trabalho de cada equipe de fotógrafas que havia mapeado, tive maior contato com a equipe de uma revista em Florianópolis, em que pude acompanhar um dos ensaios e conhecer parte desta equipe. Também acompanhei a exposição de imagens oriundas de ensaios sensuais de uma das fotógrafas que tinha interesse em entrevistar. A mostra também contava com rodas de conversa sobre o tema, e os assuntos em comum entre as diferentes fotógrafas proporcionaram uma reflexão sobre padrões importantes que se repetem nos discursos das mesmas, sobretudo o modo como constroem discursos de marketing e pensam seu próprio trabalho.

Parte do processo de pesquisa envolveu também a análise de narrativas de *websites*, mídias digitais e também de relatos das mulheres fotografadas presentes nesses *websites*. Há também o acompanhamento de duas edições do *Lingerie Day*, evento anual que ocorre no *Twitter* onde mulheres expõem fotos suas de lingerie. É importante ressaltar que o material analisado não trata da nudez de si compartilhada por outrem e sim da autoexposição.

O padrão de beleza ocidental hegemônico vigente é predominantemente branco e magro. Reconheço, portanto, a problemática em se falar em “mulheres” como um grupo homogêneo e identidade comum. A questão do *marketing* e das narrativas que partiam das próprias fotógrafas, como o apelo a uma “essência feminina”, público alvo, entre outras pautas, aciona o discurso referente a uma condição de ser mulher. Essas pautas são fortuitas para pensar quais mulheres fazem (e pagam por) um ensaio sensual.

Minhas primeiras ideias referentes à entrada em campo pareciam “certeiras”, mas não se concretizaram na prática. A primeira delas era utilizar a equipe de fotógrafas como mediadoras para chegar até as mulheres que faziam os ensaios, mas pareceu melhor posteriormente entrar diretamente em contato com as mesmas mulheres por *Facebook*, por exemplo. Além disso, só consegui autorização de um dos grupos que estava mapeando inicialmente, o que dificultou a ideia inicial de acompanhar vários ensaios e entrar em contato com as mulheres a partir deles. Considerando também que tais ensaios não ocorrem com tanta frequência, consegui acompanhar pouco os ensaios em si, embora estejam disponíveis *online* vários vídeos de *making of*, isto é, o processo de produção das imagens, os bastidores.

² Algumas palavras são generalizadas no feminino durante o trabalho, como a palavra “fotógrafas”, pois a maior parte dos projetos acompanhados de exposição de nudez foram produzidos, em sua maioria, por mulheres.

A seleção dos contatos que ocorreram somente *online* foi diferente. Como já estava interessada nesse tema, sempre curti³ quando alguém que eu seguia no twitter postava ou falava sobre os *nudes*, lembrando que minhas curtidas ficam salvas no meu perfil e poderiam ser acessadas mais tarde. Lembrando que, é recorrente, na minha bolha de pessoas seguidas, a postagem de conteúdo contendo nudez. Curtir e organizar as ideias de quem contatar, foi um dos primeiros caminhos metodológicos online, além de acompanhar um ensaio sensual fotográfico, entrando em contato com o projeto Poder de Mulher⁴, indicado por uma amiga do curso de antropologia.

Outra ideia que durante o processo de pesquisa não se concretizou seria marcar conversas durante a espera de uma consulta médica ou algum outro ato de espera das interlocutoras. Como eu não consegui acompanhar muitos ensaios, não havia nenhum momento em que eu acompanhasse algo que alguém estaria fazendo com ou sem minha presença, exigindo, para as entrevistas, o deslocamento com a única finalidade de conversar comigo. No decorrer das entrevistas, algumas, com o tempo, se tornaram apenas *online*.

Uma das tensões éticas foi talvez não saber discernir se uma falta de resposta seria causada por desconfiança ou falta de disponibilidade. Acredito também que essa aura de desconfiança estava mais presente na parte de fotógrafos e fotógrafas que tive a iniciativa de interpelar, na maior parte das vezes *online*.

As próprias plataformas digitais apresentam recursos para desfazer contatos. Após algumas conversas que considerava serem as mais densas, com uma das interlocutoras de pesquisa, meu contato no *Facebook* foi excluído por ela após algum tempo, o que tomei como um não consentimento. Por isso, decidi não utilizar o material que já possuía. O que foi trazido por ela me fez refletir bastante sobre a questão da memória: histórias de vida contadas a partir da relação estética com seu corpo, como os marcos - no caso, uma doença com consequências estéticas - que alteraram a percepção que ela tinha de si mesma e sua autoestima. Embora o relato não tenha sido utilizado, ele auxiliou na comparação com outras histórias e a aprofundar minhas reflexões sobre o tema.

Dessa forma, pode-se pensar o consentimento, conforme aborda Diniz (2008), como um processo continuamente construído. Ao invés de pensá-lo como definitivo, o consentimento é continuamente negociado, levando também em conta o constante surgimento de novos dilemas éticos, inclusive durante o processo de escrita e não apenas em campo, fazendo com que eu retornasse a ele.

³ Ver “likes”, termo disponível no glossário. Utilizarei ambos os termos.

⁴ Equipe de fotógrafas que fazem os ensaios sensuais.

Além disso, cabe refletir sobre se tudo o que consta em modo público na *internet*, inclusive em mídias digitais como *Twitter*, *Facebook* e *websites*, realmente são públicos, mesmo que todos possam abertamente acessar. Seria ético incluir no trabalho relatos das mulheres presentes nos sites com a identificação de nomes (que inevitavelmente constam no próprio *link*)?

No contexto das imagens na pesquisa, preferi incluir alguns *prints*, solicitando autorização de autores e autoras de tweets e imagens, inclusive para aqueles que não apresentavam conteúdo íntimo e relatos pessoais embora, em outros casos, isso não se mostrasse muito necessário devido ao próprio nome de usuário e imagem de perfil estarem tarjados. Sobre os *links* dos sites das fotógrafas, na medida em que escrevi meu projeto de TCC, ficou difícil citar a fonte dos relatos sem expor a mulher em questão, porque os títulos e o próprio *link* continham nomes, embora, normalmente apenas o primeiro. Embora seja difícil localizar a pessoa fotografada somente com esse dado, um dos recursos que adotei para entrar em contato foi observar na página do *Facebook* das fotógrafas mulheres com o mesmo nome comentando na publicação do *Facebook* em que suas fotos eram expostas. Aliás, tenho observado que muitos fotógrafos e fotógrafas atualizaram seus *websites*, não expondo nem o primeiro nome das fotografadas. A própria atualização fez com que eu não utilizasse mais alguns relatos que constavam nos projetos, porque os *links* não estavam mais ativos.

Sobre as entrevistas *online*, tive no início algumas dificuldades. Por exemplo, como a pessoa “do outro lado” poderia não estar *online* ao mesmo momento que eu, ficava ansiosa e o envio de várias perguntas de uma vez só, já que a resposta só aconteceria quando estivesse novamente *online*, tornava o diálogo uma entrevista semiestruturada. A preferência por certos recursos, como o envio de áudios, facilitou as conversas e passei a receber respostas mais longas e completas para minhas indagações. Além da questão do receio do deslocamento e da falta de disponibilidade das mulheres com quem vinha conversando, estão as ferramentas e políticas de segurança de redes sociais, que permitem que você dialogue com alguém em determinado formato ou usando determinado recurso (no *Twitter*, não consigo enviar e receber áudios, por exemplo).

As ferramentas que as plataformas digitais dispõem são bem importantes. Por exemplo, utilizando o *Twitter*, muitas pessoas bloqueiam o recebimento de mensagens diretas no bate-papo de pessoas que elas não seguem, então não consegui contato com muitas pessoas que desejava conversar sobre o tema. É interessante notar como a relação com as ferramentas dispostas pelas plataformas influenciam na relação com quem se conversa. Há uma grande diferença em só ouvir a voz da pessoa (áudio), dialogar de forma escrita (bate papo) e ainda

fazer uma chamada de vídeo (onde podemos ver a outra e ainda, escutá-la). No caso, respostas mais longas e espontâneas vinham mais pelas opções que também continham áudio.

Através do *Twitter*, pude ter acesso também ao - *Curious Cat* -, rede em que se pode fazer perguntas de modo anônimo que são posteriormente compartilhadas no *Twitter*. Muitas vezes, ao postar uma foto de roupa íntima ou nua, os comentários das fotos no *Twitter* eram positivos, mas havia o recebimento de comentários e perguntas desaprovando o ato no *Curious Cat*, de forma anônima.

Ao decidir o tema e conforme os pré-projetos eram exigidos nas disciplinas metodológicas do curso, houve grandes mudanças e tempo para rever diversas discussões propostas inicialmente. Ao falar dessas mudanças, estou me referindo também aos meus próprios pontos de vista sobre exposição na *internet*. A primeira vez que tive interesse neste tema foi quando ouvi o relato de uma pessoa que trabalhava produzindo “ensaios sensuais”, na cidade de Lages (SC), onde morava. Esta pessoa comentava o quanto as fotografadas chegavam tímidas, porém iam “se soltando” e ganhando autonomia no decorrer do ensaio.

O acompanhamento dos ambientes *online* se deu principalmente no *Twitter*. No *Twitter*, é comum *hashtags* em que as pessoas postam ou submetem fotos nuas (ou seminuas). Um evento que despertou minha atenção foi o *Lingerie Day*, criado por dois empresários brasileiros como uma brincadeira, mas que acabou ganhando força e ocorre todo ano, na última quinta-feira de julho, quando mulheres postam suas fotos de lingerie com a *hashtag* do evento.

É possível também abordar brevemente a questão da censura. As regras do *Twitter* para nudez ou pornografia são mais brandas quando comparadas com as de outras redes sociais, como o *Facebook* e o *Instagram*. A rede de “amigos” no *Twitter* é majoritariamente composta de “desconhecidos”, ou melhor, pessoas que não se conhecem “cara a cara”. Não há uma convenção de que a foto de perfil deva ser do próprio usuário ou usuária. Embora o *Facebook* e o *Instagram*, por exemplo, tenham regras mais rígidas de censura em comparação com o *Twitter* – como polêmicas ao censurar mamilos – há também nessas redes grupos fechados em que pessoas compartilham *nudes*. Dessa forma, a censura parece ser uma coisa que sempre pode ser burlada.

Como o tema diz respeito ao tratamento da intimidade de outrem, achei que uma opção melhor seria utilizar minha própria conta do que criar uma específica para a pesquisa. Assim, tinha uma rede de amigos em comum com as interlocutoras e várias informações sobre mim, e acredito que o fato de o próprio *Twitter* envolver muita autoexposição, seja sobre meu cotidiano ou posicionamentos, tenha ajudado a criar uma melhor relação de troca e confiança, uma vez que a exposição não partia exclusivamente de um só lado.

1.2 O vínculo entre o *online*, pornografia e os debates feministas

A palavra nudez ou seminudez será usada aqui no sentido do senso comum, como uma pessoa despida de roupas ou mostrando partes do corpo que normalmente não são mostradas no cotidiano ou são sexualizadas. Dessa forma, como em algumas culturas um adorno ou mesmo a pintura corporal ⁵já descaracterizam o corpo enquanto corpo nú, a noção de nudez utilizada aqui será a noção prevalente no senso comum ocidental. Os ambientes virtuais acompanhados também demonstram várias formas de apresentar a nudez, por exemplo, nudez sem nenhum significado erótico ou “sensual”, apenas uma parte do corpo como foco, sendo importante, portanto, ressaltar que há diversas noções de nudez. O uso do termo “sensual” é utilizado devido à forma como as fotógrafas intitulam esse tipo de ensaio, apresentando essa categorização. Várias vezes ao perguntar a elas se viam diferença entre o termo sensual e o erótico, a resposta era que sim, associando o termo “erótico” a algo mais ligado ao sexual, à pornografia. Essas categorias serão retomadas adiante. Os debates e os diferentes pontos de vistas feministas sobre a pornografia dialogarão com o capítulo seguinte, sobre algumas das controvérsias geradas pela autoexposição.

Alguns projetos dão ênfase à questão do “controle” na autoexposição da nudez *online*. Os exemplos abaixo trazem trechos das descrições de dois *websites*, “*Me in my place*” e “*I Shot Myself*”⁶, onde as mulheres podem submeter fotos para serem publicadas nessas páginas.

Uma das grandes conquistas do projeto tem sido a capacidade de empoderar mulheres para controlar a conversa sobre sex appeal e confiança corporal. (ABOUT: Me in My Place, tradução minha⁷)

Ao remover o fotógrafo do processo, as colaboradoras são capazes de criar sua própria experiência e explorar o meio em seu próprio tempo e espaço [...]. O que inspira mulheres a submeter suas fotos nuas online? A resposta é: controle. A capacidade de mostrar-se em seus termos, como você gostaria de ser vista, livre da distorção do ponto de vista de outra pessoa e da higienização do photoshop. (ABOUT: I Shot Myself, tradução minha)⁸

⁵ “Muitas vezes a cultura ocidental se negou a ver nas pinturas corporais ou em diferentes adornos e adereços dos grupos indígenas sul-americanos os correspondentes às nossas roupas, e criou-se a idéia de que o “índio” andaria pelado, o que, por outro lado, estaria “errado” (THOMAZ, 1995:430).

⁶ Sobre essas páginas, ver SIBILIA (2015). O interesse nessas páginas específicas veio da leitura do artigo indicado.

⁷ Disponível em: <http://meinmyplace.com/about>. Acesso em 22 de outubro de 2017. Texto original: “One of the greatest achievements of the project has been the ability to empower women to control the conversation about sex appeal and body confidence”.

⁸ Disponível em: <https://www.ishotmyself.com/public/general.php?p=about>. Acesso em 22 de outubro de 2017.

Também há diferentes formas quanto ao tipo de erotismo (ou sensualidade) em jogo e até mesmo a ausência desses apelos. Como exemplo, o projeto “1001 fesses” em que muitas fotos constam com o seguinte rótulo: “This is not porn”, atentando para a questão de que nem toda nudez é pornográfica:

Em 3 de dezembro, o Facebook deletou a fanpage do projeto por causa do “conteúdo pornográfico”. (1001 FESSES PROJECT, tradução minha).⁹

A proposta também defende a não sexualização da nudez e critica a censura presente nas mídias digitais. Nesse aspecto, Barthes (1984) aborda a fotografia, trazendo dois aspectos: o punctum e o studium. O punctum incluiria a criação de um ponto cego e isto seria o que separa a foto erótica da pornográfica. Enquanto a foto pornográfica faz do sexo um objeto imóvel, conforme Barthes, a erótica leva o espectador para fora do seu enquadramento, sendo segundo ele, “um extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver [...]” (1984:89). A forma de interpretar a nudez ou exposição como algo erótico, pornográfico, sensual, obsceno ou artístico também pode ser colocada a partir da distinção proposta Goldenberg e Werneck (2010): nua e pelada. O estado de estar nua seria uma “pura contemplação da beleza, da arte, da pintura de Boticelli ou Goya, da fotografia de Mario Testino” (2010:127), e o termo “pelada”, mas ligado a pornografia, denotaria o corpo como objeto sexual, apresentação performática do mesmo, exibição de genitálias e mucosas.

Outro exemplo, como o projeto “*I Feel Myself*”, critica a separação entre o erótico e o pornográfico:

IFM é um projeto que desafia a categorização. Nossa sociedade tende a desenhar distinções entre pornografia e erotismo, arte e sexo. Nós desejamos que eles se cruzem sem exclusividade, e queremos cruzar fronteiras entre essas categorias para criar uma experiência erótica holística. (ABOUT ifeelmyself.com, tradução minha).¹⁰

Como parte do projeto do TCC envolveria pensar formas amadoras (“caseiras”) de exposição *online*, recorri a Parreiras (2012), que aborda a influência do *online* no mercado erótico principalmente nesses termos, do amadorismo. Segundo a autora, todos podem ser um

Texto original: “By removing the photographer and studio from the process, contributors are able to create their own experience and explore the medium in their own time and space [...]. What inspires women to submit their naked photos online? The short answer is - Control. The ability to show yourself on your terms, how you'd like to be seen, free from the distortion of someone else's viewpoint and the sanitizing of Photoshop”.

⁹ Disponível em: <http://1001fessesproject.com/english/>. Acesso em 22 de outubro de 2017.

Texto original: On december 3rd, Facebook DELETED the project's fan page because of “pornographic content”.

¹⁰ Disponível em: <http://www.ifeelmyself.com/public/main.php?page=about>. Acesso em 22 de outubro de 2017. Texto original: “IFM is a project that defies categorisation. Our society tends to draw distinctions between pornography and erotica, art and sex. We desire to allow them to intersect without exclusivity, and we want to cross the borders between these categories to create a holistic erotic experience. ”

produtor em potencial, sendo que “na medida em que proliferam diversas segmentações do gênero pornográfico e surgem novos nichos o que se tem é a dificuldade crescente de estabelecer fronteiras entre pornografia e outras formas de representação” (PARREIRAS, 2012:205). Nesse processo de segmentação, o *online* entra como um dos principais fatores a partir do momento em que modifica os modos como as pessoas produzem e consomem pornografia. Uma das influências do *online* no mercado erótico, conforme abordado no artigo, é nublar as fronteiras entre o pornô e outras estéticas, e entre formas comerciais e não comerciais e o surgimento de diversas categorias nesse mercado, dificultando o estabelecimento de fronteiras.

Ainda sobre essa distinção nua/pelada e entre as categorias do erótico, sensual e pornográfico, é possível associar a abordagem de Feona Attwood (2007) que trata da sofisticação, de um processo de “aestheticization¹¹” da pornografia, segundo a autora:

A estética de sites como Nerve e Suicide Girls é parte da forma como novas culturas de gostos sexuais tentam se definir através de uma variedade de oposições à cultura mainstream – e especialmente a pornografia mainstream – como criativo, vibrante, elegante, inteligente, glamoroso, erótico, radical, variado, original, único, excepcional e sincero comparado a não imaginação, maçante, sem gosto, estúpido, desprezível, feio, banalizado, padronizado, comum, banal, medíocre, superficial e artificial. Neste processo, um sistema de estética é evocado como uma forma de ética. De fato, uma série de produtores online alternativos têm explicitamente ligado pornografia e ativismo político (2007:449, tradução minha).¹²

Aqui se evidencia o *link* de novas pornografia alternativas, que normalmente apresentam a si mesmas enquanto uma contranarrativa à pornografia *mainstream*, aquela direcionada a homens cis heteros. Sobre a produção “caseira” desse tipo de conteúdo, ou mesmo que mediada ou não por uma equipe profissional ou uma página na *internet*, há a questão de se pensar além de um processo unidirecional, até porque, nesses casos, “pessoas_comuns” podem ser emissoras/es de conteúdo. No caso em questão, o fato de mulheres serem emissoras de conteúdo íntimo, e supostamente, homens cis heteros serem os principais receptores, gera inúmeras controvérsias, que serão analisadas no capítulo seguinte. Segundo Attwood, a convergência entre emissores e consumidores e a expansão das possibilidades de participação possibilitadas pela tecnologia, como *Youtube* por exemplo, reconfiguraram a produção e

¹¹ Optou-se por não traduzir esse termo, ver glossário.

¹² Texto original: “The aesthetic of sites such as Nerve and SuicideGirls is part of the way new sex taste cultures attempt to define themselves through a variety of oppositions to mainstream culture – and especially mainstream porn – as creative, vibrant, classy, intelligent, glamorous, erotic, radical, varied, original, unique, exceptional and sincere compared to the unimaginative, dull, tasteless, stupid, sleazy, ugly, hackneyed, standardized, commonplace, trite, mediocre, superficial and artificial. In the process, a system of aesthetics is evoked as a form of ethics. Indeed, a number of alternative online producers have explicitly linked porn and political activism”

consumo de mídia em escalas mais amplas: “Isto complica as maneiras estabelecidas de ver a produção cultural e o consumo como um processo linear onde pessoas comuns recebem mídia e outros produtos de profissionais” (2007:442, tradução minha¹³).

Outro ponto interessante seria a produção específica do “real” em contraposição ao representado pela pornografia *mainstream*, vide a ideia de mulheres comuns fazendo algo do seu cotidiano, dessa forma, o real também é apresentado como fetiche.

Barcan argumenta que podemos dar sentido a novas formas de imagem e identidade em termos de uma ‘autenticidade encenada’ que combina o ‘desejo pelo real, fetichização do real, renúncia ao fato de que o real é sempre elusivo, diversão é falsa, e as delícias da encenação e performance’ (BARCAN, 2004:255 apud ATTWOOD, 2007:452, tradução minha).¹⁴

O real é também intencionalmente produzido, presente no próprio apelo à presença de “mulheres comuns”, “mulheres reais”, categorias que também constam nas divulgações e páginas de fotógrafas que realizam ensaios sensuais. Na página cujo projeto mais tive contato, há uma pequena descrição da mulher fotografada, assim como em outras páginas, um texto feito por ela contando sua experiência e trajetória de vida. As fotografias também contêm diversos elementos que falam algo sobre as mulheres nas fotos, um disco preferido, por exemplo. Nos projetos mencionados acima, como o “*Me in my place*”, algumas fotos contam ainda com mulheres limpando suas casas, ou fazendo atividades cotidianas.

O cenário também informa sobre as mulheres fotografadas, ao ocorrerem nas suas casas, mostrando objetos e cômodos, lugares de que gostam, o que gostam de fazer, como exemplo, segurando discos, lendo, com seus animais de estimação, etc. A questão da autenticidade é colocada de várias formas diferentes nos ensaios, seja optando por menos *photoshop*, elaborando discursos contra o mesmo, e ao invés de esconder, mostrar “imperfeições”: cicatrizes, estrias, marcas e manchas na pele, celulite, ‘dobras’ no corpo. Ao mesmo tempo, as imagens não apelam para uma estética do espontâneo, e contam com poses coreografadas, de antemão são pensadas sugestões pelas fotógrafas, expressões e posturas que conotariam o ensaio enquanto sensual.

A questão política aparece nos ensaios sensuais, ao reivindicar essa autenticidade presente nos discursos de “empoderamento”, como por exemplo, a representação de corpos que

¹³ Texto original: “This complicates established ways of viewing cultural production and consumption as a linear process where ordinary people ‘receive’ media and other products from media professionals”

¹⁴ Texto original: “Barcan argues that we can make sense of new forms of image and identity work as part of a shift towards understanding identity in terms of a ‘staged authenticity’, which combines ‘desire for the real, fetishization of the real, resignation to the fact that the real is always elusive, fun in fakery, and celebration of the delights of role-play and performance’”.

divergem dos padrões de beleza presentes na mídia hegemônica. Todavia, também se pode pensar na própria reprodução dos padrões, ao mesmo tempo em que são criticados, seja pela orientação que fotógrafas dão às clientes quanto à depilação, no caso dos ensaios, ou por representar “tipos” muito específicos de mulheres. Um exemplo são páginas que criticam esses padrões, mas apresentam mulheres que estão em sua maioria dentro de padrões hegemônicos, sendo elas majoritariamente brancas e magras. Pela própria esfera de glamour ou “*aesthetic*” evocada por alguns fotógrafos de exposições e páginas que visitei, por exemplo, e mesmo por certos nichos de novas pornografias, há o questionamento presente: que mulheres estão ali representadas? A indagação, portanto, se concentra em um modelo visto como sendo de bom gosto (vide cenários luxuosos ou com uma estética específica) e que se contrapõe a outro modelo de pornografia, visto como caricato e de mau gosto.

Dessa forma, e tomando como exemplo as reações a postagens contendo nudez autoexposta, muitas variam de uma postura contrária, por pressupor objetificação dos corpos das mulheres autofotografadas, à ideia de que seria uma forma de se “empoderar”. Essa contradição será tratada no capítulo seguinte. Adriana Piscitelli (2005), ao falar das linhas de pensamento feministas em relação à sexualidade, adentra nos posicionamentos sobre prostituição e sobre pornografia, sobretudo no período chamado de “*feminist sex wars*”, quando estas discussões se encontravam em voga na década de 80. Esses posicionamentos ajudam a pensar essa contradição mencionada e como a exposição de intimidade na *internet* é vista:

As percepções sobre a prostituição em um e outro extremo são diversificadas. Num deles, a vinculação das mulheres com o sexo é percebida como a raiz de sua opressão e abuso. [...]. No outro pólo, há posições que, ao contrário, consideram a vinculação das mulheres com o sexo a fonte de seu maior poder. Assim, a prostituta seria um símbolo da autonomia sexual das mulheres e, como tal, uma ameaça potencial ao controle patriarcal sobre a sexualidade das mulheres. Outras, mais cautelosas, pensam no sexo como um terreno de disputa, não como um campo fixo de posições de gênero e poder. Estas linhas de pensamento reconhecem a existência de uma ordem sexista, mas consideram que ela não é inteiramente determinante. O sexo é visto como uma tática cultural que pode tanto desestabilizar o poder masculino como reforçá-lo. As práticas de prostituição, tais como outra forma de mercantilização e consumo, devem ser lidas de maneiras mais complexas que apenas uma confirmação da dominação masculina: em certas circunstâncias, elas podem ser espaços de resistência e de subversão cultural (PISCITELLI, 2005:13-14)

No texto “*Mujeres en los márgenes*”, Preciado (2007) propõe a reapropriação da pornografia, apostando na produção de representações alternativas à pornografia hegemônica/*mainstream*, como a pós-pornografia¹⁵:

O pós-pornô é teoria e carne”, escreve Llopis. Seu livro o “*El postporno era eso*” [“*Isto era o pós-pornô*”, em tradução livre] facilita a tarefa de definir o termo e traz uma lista de filmes e projetos relacionados à corrente. “Para mim, o pós-pornô é política queer,

¹⁵ Conteúdo audiovisual: Ver “Coletivo Coiote” ou o grupo “Quimera Rosa”, materiais disponíveis no Youtube e Vimeo.

pós-feminista, punk, DIY ['do it yourself', ou seja, faça você mesmo], mas também uma visão complexa do sexo, incluindo a análise da origem de nosso desejo e uma confrontação direta com a origem de nossas fantasias sexuais. Por isso, o pós-pornô às vezes é um tipo de meta-pornô, centrando-se em questionar a indústria pornográfica e a representação da sexualidade veiculada hoje pelos meios de comunicação", acrescenta. Que representação é esta? O sexo como "receita simples, repetitiva e limitadora", nas palavras de Sprinkle, protagonizado por corpos jovens e siliconados que fingem sentir prazer. Preciado define o pós-pornô como "o efeito de se tornar sujeito daqueles corpos e subjetividades que, até agora, só haviam podido ser objetos abjetos da representação pornográfica": as mulheres, as minorias sexuais, os corpos não-brancos ou deficientes, as pessoas transexuais, intersexuais e transgênero. No pós-pornô, as pessoas ignoradas pelo pornô hegemônico ou utilizadas para representar fantasias alheias, frequentemente de forma degradante, tomam as rédeas e gravam ou atuam expressando sua própria sexualidade, convertendo-se em protagonistas com um roteiro decidido por elas próprias (FERNÁNDEZ, 2015)

É importante destacar que nem toda produção pornográfica que tenha um discurso de contranarrativa às pornografias hegemônicas é pós-pornográfica. Na mesma reportagem evidenciada no trecho acima, há a crítica à pornografia feminista (que muitas preferem chamar de “pornografia para mulheres”) por reproduzir padrões de “feminilidade” e cisheteronormativos. Embora a pornografia não seja ênfase deste trabalho, ou pretenda-se definir os projetos apresentados como pornográficos ou não, os debates em torno dela e as transformações na pornografia, principalmente aquelas ligadas ao estar *online*, da apropriação e da autoria, permitem auxiliar em várias reflexões sobre a exposição de nudez e as reações que se seguem.

1.3 A *internet* e a autoexposição: autoestima e construção de subjetividades

O que é abordado por Goffman (1985) sobre a apresentação de si é um bom ponto de partida para pensar a nudez *online* e os ensaios sensuais. O autor trata das inferências, uma convenção para se comportar em determinado contexto. Em termos da autoexposição *online*, é possível pensar como as próprias dinâmicas dos diferentes ambientes digitais influenciam no modo dessa apresentação, e como funciona a manipulação da impressão e a questão da fachada: “Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante interação”. (GOFFMAN, 1985:29). Há a fachada como cenário, e a fachada pessoal:

Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, altitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes. Alguns desses veículos de transmissão de sinais, como as características raciais, são extremamente fixos e dentro de um certo espaço não variam de uma situação para outra. Em comparação, alguns desses veículos de sinais são relativamente móveis ou transitórios, como a expressão facial, e podem variar, numa situação de um momento para outro. (GOFFMAN, 1985:31).

Portanto, é importante ressaltar que as mídias digitais possuem suas próprias convenções de como se comportar, seja em termos da sua função, das ferramentas para interação que esse ambiente dispõe, com quem se interage nesses ambientes (familiares, amigos, desconhecidos), sendo que uma pessoa com perfis em várias mídias digitais pode se apresentar de formas muito diferentes em cada uma delas. O mesmo pode valer para o conteúdo presente nos projetos a serem seguidos, que participam de muitas redes ao mesmo tempo.

As inferências e fachadas tratadas por Goffman podem evocar a imitação em questão da autoexposição de nudez nos ensaios sensuais feitos por mulheres e da nudez *online*, visto que gestos, movimentos e posturas ao “posar” para a produção de uma fotografia, por exemplo, podem fazer referências às capas e ensaios fotográficos de revistas. Seriam gestos, posturas, expressões e movimentos considerados apropriados para o contexto.

A exposição depende das regras de cada plataforma *online*. Um exemplo disso seria filtrar quais pessoas podem ver as imagens postadas, estar em um grupo secreto, manter uma conta privada – há diferenças nas formas de interação nas plataformas e ferramentas que elas dispõem para tal, entre outros aspectos.

Apesar de cada plataforma ter suas convenções de uso, como as políticas de privacidade, controlando e dispondo o que se pode fazer nela, e qualquer pessoa poder também controlar a disseminação de seu próprio conteúdo, as interações também podem sair do controle. Dessa forma, há uma relação entre o risco e o controle. Um exemplo desse risco seria a repercussão negativa, por exemplo, críticas quanto à autenticidade, alguém magra postando uma imagem em que se nomeia enquanto pessoa gorda, funcionando como um exemplo de manipulação da impressão e ruptura da representação, sendo alvo de críticas. A manipulação da impressão, segundo Goffman (1985), procuraria evitar essas rupturas. Um exemplo disto é a própria legenda que acompanha a foto, muitas vezes, tendo o intuito de passar uma justificativa para o ato de postar a imagem.

Assim, há a criação de dissonâncias, em que novos elementos são adicionados, assim como novas cenas se desdobram, como no exemplo, geradas pelas “viralização” da imagem. Poderiam constar como exemplos os comentários pejorativos, as discussões sobre se é certo ou errado postar a imagem, o vazamento da foto para um público não previsto, os assédios e assim por diante, como novas interações geradas por pessoas sem a presença da autora da imagem, mas que se pautam no debate que ela gerou.

Os *nudes* são compartilhados, são curtidos e geram respostas e diálogos. Muitas das fotos postadas, como exemplo, geram reações negativas, como acusar alguém de busca por

atenção ou mesmo como a visão de ser algo que objetifica sexualmente a mulher auto fotografada.

Duas dissertações de mestrado, por exemplo, tratam do chamado *revenge porn*, quando alguém divulga/vaza as fotos de outrem sem o seu consentimento. Trindade (2017) aborda a pornografia da vingança e também a exposição positiva como defesa, como superação do trauma, como em um dos casos abordados na dissertação, em que uma das mulheres que teve fotos íntimas divulgadas sem seu consentimento resolveu fazer um ensaio sensual e postar em sua conta no *Facebook*. Outra dissertação sobre essa mesma temática aborda a autoexposição como uma saída. Machado (2016) ilustra como exemplo o grupo “*Bucepower Gang*”, uma página criada por um grupo de mulheres negras e em qual outras mulheres também podem postar suas fotos íntimas. Além disso, a autora também pontua sobre a mudança que a *internet* trouxe para outras formas de publicações, como por exemplo a decisão da Editora Abril de não publicar mais a edição brasileira da revista *Playboy*:

Muitos desses sites pornográficos que a revista afirma estarem tirando seus leitores são lugares na rede de compartilhamento de conteúdo pessoal, como blogs, o Tumblr e as redes sociais, em que pessoas comuns tiram fotos de nudez ou atos sexuais e postam na internet. (MACHADO, 2016:65)

Uma questão que será por vezes retomada é a relação entre o *online* e autoestima. Fernanda Bruno (2013) a utiliza como exemplo para abordar a relação entre subjetividade, visibilidade e autenticidade e também aponta para reflexões sobre a intimidade produzida e exposta:

De lugar de recolhimento, a intimidade constitui-se em matéria assistida e produzida na presença explícita do olhar do outro. Tomando de empréstimo o termo proposto por Lacan, Tisseron (2001) designa por “extimidade” o desejo de o indivíduo comunicar ou expor o seu mundo interior ao outro. (BRUNO, 2013:68)

A autoestima é abordada por Fernanda Bruno, salientando desde noções que advém do que a autora chama de psicologia vulgar à noção de auto estima como prática e ação social. Segundo a autora, “é este duplo aspecto assumido pelo termo hoje – privado e público, individual e coletivo, psicológico e político – que chama a atenção”. (2013:71).

Portanto, pretende-se apresentar os discursos de autoestima das mulheres, caso estejam presentes. É importante ressaltar que discursos sobre empoderamento, embora sempre presentes pelos projetos de fotografia referente aos ensaios sensuais, por exemplo, nem sempre se encontra nos depoimentos das mulheres.

A exposição de imagens de si tem o corpo como algo central. Portanto, é possível pensar nas mudanças na apresentação das imagens. Burke propõe que elas seriam tanto “testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos vêm o

mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação” (BURKE, 2004:232). Os *selfies* poderiam funcionar como exemplo para ilustrar esse ponto. Pode-se, a partir disso, pensar as mudanças: por exemplo, os *selfies* e sua forte ligação com a produção de imagens do banal e do cotidiano e como isto se encontra atrelado à noção de autenticidade, e ainda, uma aura de autenticidade que também pode ser propositalmente produzida.

O *online* e o *offline* também estão relacionados à questão da construção de subjetividades, desde a questão de como se apresenta e apresenta seu cotidiano. Como uma das intenções seria tratar da relação das mulheres com seus corpos, entender o porquê postam imagens estaria ligado a diversas outras questões, impossibilitando que o *on* e *offline* sejam pensados como campos separados e delimitados. Ao pesquisar a troca de *sexpics* em cibercafés, Miller e Slater (2004) apontam para a relação entre os modos *online* e *offline*:

Apesar da pesquisa anterior de Slater, que abordou a troca de materiais sexualmente explícitos (*sexpics*) no Internet Relay Chat (IRC), ter sido conduzida inteiramente online, esta teve que prestar atenção constante à relação entre atividades on-line e off-line e, acima de tudo, em como os próprios participantes construíram distinções altamente diversas, complexas e fluidas entre suas vidas on-line e off-line. Por exemplo, para entender o que algumas donas-de-casa norte-americanas estavam fazendo quando elas gastam horas envolvidas nessa troca de *sexpics* é necessária a compreensão de seus relacionamentos off-line, em geral com seus parceiros (MILLER; SLATER: 2004: 47).

Dessa forma, os autores contestam o online e o *offline* como cenários autocontidos. O trecho a seguir exemplifica a relação entre o *on* e *off*, assim como a construção de subjetividades e autoestima. Conforme abordado abaixo, a exposição na *internet* também faz parte do processo de aceitação do próprio corpo.

As pessoas afirmam que a internet teria sido sua principal fonte de consulta sobre informações e dúvidas acerca de sua sexualidade, desejos, práticas e posições sexuais, inclusive por meio dos vídeos erótico-pornográficos. Deste modo, confeririam à internet e à tecnologia digital um importante papel sobre a conformação de seu autoconhecimento psíquico e corporal, além das construções identitárias de gênero e sexo. Fato evidentemente mais significativo para o público LGBT que, marcado pela coerção de sua sexualidade, preconceito e violência, enfrentaria mais dificuldades para expressar e viver seu sexo publicamente. As pessoas bissexuais e trans, por exemplo, afirmaram que somente com o acesso à internet, descobriram que eram “normais” e que existia algo além da heterossexualidade e homossexualidade (CÓRREA, 2016:05)

A autora chama atenção para a “imperatividade das imagens” em nosso dia a dia, com o advento das câmeras digitais e surgimento dos *smartphones* (2016:10), com os memes e até mesmo mídias digitais voltadas exclusivamente para o compartilhamento de imagens, como *Instagram*, *Snapchat*, *Tumblr* e *Pinterest*. Aqui, há a imperatividade de imagens em detrimento de um tipo de comunicação apenas textual. Há também um questionamento presente no artigo sobre por que as imagens de corpos nus incomodam tanto, ao se referir à censura e políticas de

uso das redes sociais, como *Facebook e Instagram*, se são o tipo de conteúdo mais consumido na *internet*?

Partindo desse panorama e caminhando para questões mais específicas, no capítulo seguinte, há a apresentação de desdobramentos desse questionamento, através das contradições expostas que envolvem as práticas de autoexposição de nudez *online*, práticas ora vistas como reforçando comportamento machistas, ora vistas como empoderadoras e subversivas. Não obstante, as imagens também geram discursos de ódio contra as mulheres autofotografadas, assim como acionam discursos de ordem moral e debates em torno de eixos como individual/coletivo, público/privado, risco/controle, autenticidade/busca por atenção.

2. Contradições, continuidades e descontinuidades: o potencial criativo das reiteraões

O *#lingierieday* é um evento que ocorre *online*, de alcance nacional. Foi criado em 2009, sugerido por dois homens como uma brincadeira, onde mulheres postam fotos suas de peças íntimas, usando essa *hashtag*. Acompanhei duas edições do *#lingierieday* no *Twitter*. A escolha desse evento se deu por reunir as principais discussões que giram em torno da autoexposição de [semi]nudez *online*, na última quinta feira de julho - data em que o evento ocorre, quando essas discussões ficam mais em voga, e é possível contrastar mais facilmente vários pontos de vista sobre o evento.

Criado pelo empresário Fabio Rodrigues, de 30 anos, e o advogado Fernando Gravata, de 35, a ideia não passava de uma brincadeira que acabou dando muito certo e ganhou muita repercussão. "Lembro até hoje quando o Gravz recebeu a primeira foto, me ligou assustado: "Caramba, alguém nos levou a sério", conta Rodrigues. "Nunca tivemos a intenção que o LingerieDay fosse levado a sério", continua. "A coisa toda surgiu como uma grande brincadeira. Tínhamos acabado de entrar no *Twitter* e comentei com o Gravz como todo dia era um 'day' novo. Brincamos que o pessoal devia fazer coisas devidamente héteras e másculas e fazer o que todo o resto do mundo faz, ver mulher pelada." Mas, por ironia do destino, o LingerieDay, desde sua primeira edição, entra para os *Trending Topics* (os tópicos mais citados no momento) do *Twitter* e consegue ações de empresas e revistas para o público masculino (CURY, Bernardo:2012)

Pretende-se, neste capítulo, partir do evento mencionado para mapear algumas contradições que permeiam as discussões sobre ele, retomar como essas discussões conversam com os posicionamentos sobre a sexualidade das mulheres, a relação entre a busca por *likes* e a autoestima, a visão que se tem da tecnologia - em específico, da autoexposição, vista ora como positiva ora como negativa.

A ideia inicial presente no projeto do Trabalho de Conclusão de Curso, era, de certa forma, dar uma resposta sobre o evento. Porém, soou mais interessante apontar as controvérsias sobre ele ao invés de abordar apenas um dos dois lados, como apenas o ponto de vista da subversão que o evento propõe.

Dessa forma, também será discutido a questão de imitação, aqui, um sentido criativo do ato de copiar, presente na performance do real, que reconfigura as capas de revistas de celebridades por exemplo ao colocar no jogo "mulheres comuns". A imitação também aparece nas técnicas corporais, no uso de referências hegemônicas: quais expressões corporais determinam a [semi]nudez como cômica, como artística, como sensual ou erótica? Esse questionamento dialoga com o conceito de enquadramento (*framing*) de Bateson e Goffman: "o enquadramento possibilita identificar as regras e as instruções que orientam determinada situação e o envolvimento dos atores nela. [...] os quadros não são inventados pelos sujeitos,

mas mobilizados na interação comunicativa, dependendo, pois, da existência de sentidos partilhados” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012:189).



Figura 1 Legendas das imagens postadas no #lingierieday. As imagens foram omitidas.

2.1 O corpo no *selfie* e [quais] corpos no #lingierieday

Algumas das fotos postadas *online* no *Twitter*, que expõem conteúdo íntimo, são produzidas no quarto e aparentam ser mais caseiras e menos “preparadas”: por exemplo, fotos com o quarto bagunçado, ou ainda, *selfies* no espelho. As fotos parecem ser menos pensadas previamente que nos ensaios sensuais, normalmente sendo as fotografias destes últimos produzidas em ambientes abertos como em praias, embora não tanto comum devido a questões de privacidade, e casas, normalmente contando com cenários mais luxuosos.

As fotografias postadas *online* no *Twitter* também são *selfies*, na sua maioria diferentes das produzidas nos ensaios. O próprio *selfie* permite o ato de se autofotografar, de virar a câmera para si, ângulos limitados, ou ainda, clichês desse tipo de imagem: como esticar o braço para fotografar-se, fotografar-se olhando-se no espelho no banheiro ou no quarto, ou fotos que mostrem mais o rosto e momentos cotidianos.

As fotos postadas no *lingerie day* algumas vezes são cômicas. Um exemplo de imagens com esse teor são fotos de animais de estimação com lingerie, por exemplo. Algumas fotografias, mesmo as que não foram postadas nesse evento, são com outras pessoas, como tirar foto com a namorada. Algumas fotos eram mais explícitas, outras mais discretas, como fotos apenas mostrando as alças do sutiã. As fotos são postadas por tipos diferentes de mulheres, como gestantes, mulheres brancas e negras, gordas e magras, em sua grande maioria, mulheres jovens, havendo inclusive uma discussão negativa sobre o evento, que contaria com a participação também de mulheres com menos de dezoito anos de idade. O evento também é criticado por reproduzir padrões de beleza. Acredito que isso também se deva às ferramentas de busca.



Figura 3 Exemplos de imagens cômicas

Há algumas opções de ordem para ver os resultados, sendo estas: “em destaque”, “últimas”, “pessoas”, “fotos”, “vídeos”, “notícias” e “transmissões”. Ao clicar em últimas, consegue-se visualizar primeiramente o que foi postado mais recente. Ao clicar em destaque, opção que é selecionada automaticamente, mostra-se as postagens com mais curtidas e compartilhamentos. Dessa forma, as opções de busca também explicam em parte o porquê de visualizar fotos de mulheres que estejam mais de acordo com padrões de beleza hegemônicos: mulheres brancas e magras acabam ganhando mais curtidas.

Há outras discussões acompanhadas, como mulheres que levam “hate” por criticarem padrões de beleza sendo brancas e magras, ou relatarem sofrimento por conta desses padrões.

Uma discussão em voga, e talvez fora deste evento, é a crítica às mulheres magras e brancas criticando padrões de beleza estando inclusas nele: alguém que é lida como uma pessoa magra, postando fotos com discursos de aceitação de seus “defeitos”, enquanto é interpretada como não os portando, como por exemplo excesso de peso. A crítica se dá principalmente por esse ato ser interpretado como uma busca por *likes*/curtidas e também por estarem ocupando um espaço que poderia ser ocupado por mulheres gordas, por exemplo.



Figura 4. Enquadre - o que diferencia a lingerie de outras peças de vestuário?

Além disso, a lingerie tem um significado próprio. Dessa forma, a exposição está menos ligada à nudez, ou ao quanto se expõe de corpo, e mais ao significado da peça enquanto elemento erótico ou sexualizado. A peça de vestuário também indica um enquadre. Fotos de biquíni, mostrando as mesmas partes do corpo, por exemplo, são vistas como quase fora da redoma do erotizado, vistas de forma mais leve. Isso me levou a pensar no decorrer da pesquisa, se conversaria com mulheres que postaram fotos com roupas de banho, por achar que não teriam o mesmo peso e não gerariam as mesmas reações.

Como a questão do recorte geracional pode ser importante para o próximo capítulo, cabe dizer que o debate acerca do evento sobre a idade das mulheres postando com a *hashtag* do mesmo, se intensificou nesta última edição e se tornou um argumento forte contrário a ele. Dessa forma, quem apoia o evento é acusada de endossar o comportamento de mulheres menores de dezoito anos, que estariam submetidas aos riscos da exposição *online*. Dessa forma, mostram-se contradições como *quem* posta – menores de idade? Mais próximas de padrões de beleza? - e para quem – o público alvo continuaria sendo homens cis heteros? Também, ao menos em questão da exposição amadora – de *selfies íntimas* – no *Twitter*, e especialmente no *lingerie day*, se faz pouco presente as imagens expostas por mulheres a partir dos quarenta anos de idade, por exemplo.



uff só em março @nickthomasnocu Seguindo

um banco de tweets de mulheres CHATAS querendo pautar como outras mulheres ADULTAS não deveriam postar foto de calcinha e sutiã na internet

feminismo ou conservadorismo?

11:47 - 28 de jul de 2018

38 Retweets 106 Curtidas

5 38 106

Tweete sua resposta

uff só em março @nickthomasnocu · 28 de jul

"ain pq não é empoderamento é só pra agradar homem"

na verdade, o fato de você achar que tudo que as outras mulheres fazem eh pra agradar homem diz muito sobre você

2 26 81

Figura 5. Discussão sobre as postagens com conteúdo íntimo



Figura 6. Discussão sobre menores de idades postando no #lingiereday. Continuação da imagem anterior.

2.2 O *lingerie day* e suas contradições

Em um dia específico do ano, as controvérsias sobre a (auto) exposição *online* se concentram e as discussões que dela se desdobram desse ato aumentam em sua intensidade. Isso se deve ao *lingerie day* no *Twitter*. Ao invés de tentar direcionar o leitor a uma resposta dada, optei por mostrar alguns discursos que as discussões sobre o *lingerie day* e a autoexposição de [semi]nudez envolvem.

Essa decisão também passou pela desconfiança acerca dos binarismos. Dessa forma, limitar-me a apenas uma das perspectivas acabaria se tornando uma redução de um campo discursivo mais complexo. O *lingerie day*, por exemplo, não pode ser definido apenas por se tratar de uma exposição vista como positiva, embora resida muitas vezes aí meu posicionamento, e nem como uma exposição negativa, o que leva a pensar a própria tecnologia. Seria ela boa ou má?

É possível abordar a questão das identidades parciais, o corpo e os ambientes virtuais como agentes, também contestando uma visão unicamente pessimista ou somente otimista sobre as cibertecnologias. Conforme Haraway, as máquinas seriam aspectos de nossa corporificação (2009:97) e um dos problemas com os ciborgues é que seriam “filhos” do colonialismo (2009: 40), mas que “talvez, possamos, ironicamente, aprender, a partir de nossas fusões com animais e máquinas, como não ser o Homem, essa corporificação do logos ocidental” (2009: 83). Os ciborgues também permitem pensar noções de pessoa, o que pode também servir para contestar o corpo enquanto unidade, enquanto delimitado, podendo-se pensar essas noções através das “confusões de fronteiras”.

Preciado, por exemplo, critica a demonização a toda forma de tecnologia¹⁶ e que isso impede “de imaginar as tecnologias como possíveis lugares de resistência à dominação” (2017:151). A partir de Donna Haraway, Preciado (2017:168) pontua que as bio e cibertecnologias contemporâneas são resultados das estruturas de poder como também bolsões de resistência a elas.

2.2.1 Risco e controle

Embora algumas imagens aparentam ser mais produzidas que outras, boa parte do dia da lingerie no *Twitter* é alimentado por *selfies*. Em muitas imagens, há a preferência de não se mostrar o rosto. Cabe lembrar também que muitas imagens íntimas, mesmo em outros dias do ano, acabam se tornando memes por conta da legenda, principalmente, seja por revelar discursos senso comum sobre “amor próprio”, como “estão ameaçando postar essa imagem, então eu mesma estou postando”. Os memes também surgem da tentativa de usar uma legenda para justificar a exposição íntima ou fingir como se a mesma fosse um ato espontâneo. “Eu nunca gostei da minha bunda, mas a minha autoestima em relação ao meu corpo cresceu tanto ultimamente que hoje eu posso dizer que gosto. Eu amo minha bunda. Eu acho ela linda. Eu” – esta legenda que acompanhava a foto íntima virou motivo de comicidade, várias pessoas passaram a postar fotos acompanhadas dessa legenda, também, mostra que muitas das fotos não mostram rostos por centrarem em partes específicas do corpo. Alguns efeitos também promovem a não identificação do rosto de quem compartilha essas imagens, como editando a imagem e a inserção de *emojis* em cima do rosto, e ainda, imagens distorcidas.

¹⁶ Segundo Preciado, “para numerosas feministas, a tecnologia remete a um conjunto de técnicas (não somente aos instrumentos e às máquinas, como também aos procedimentos e às regras que precedem seus usos [...])” (2017:151).

O enquadre nunca pode ser controlado por um ator somente, ele se dá na interação. Fenômenos como a viralização de publicações evidenciam os desdobramentos que se dão *online*, que potencializam a difusão de determinado conteúdo. Bateson e Goffman, por exemplo, utilizam o conceito de enquadre como algo que vai além do individual (MENDONÇA; SIMÕES:2012). Dessa forma, há maneiras de antecipar algum controle sobre enquadres futuros, como não expor o rosto, bloquear o envio de mensagens diretas por pessoas que estão fora da rede de seguidores, tornar o perfil privado, etc.

Um dos riscos, além do assédio e de não conseguir controlar o grau de exposição – como chegar a pessoas não intencionadas, como familiares e contatos profissionais – seria o *revenge porn*, ou, pornografia da vingança, em que imagens íntimas são vazadas por terceiros. Para Goffman, “os atores não são completamente livres e independentes no engajamento interacional. Eles são configurados pela situação, que os precede embora eles atuem sobre ela” (2012:190).



Figura 7 Prints como risco



Figura 8 Discussão que, inicialmente, era sobre assédio, se as postagens de conteúdo íntimo justificavam ou não esse comportamento

Dessa forma, uma questão que possui pouco espaço e foi pouco abordada, ou mencionada, é o risco de se expor na *internet*. Risco e controle, portanto, configuram como uma das várias contradições. A meu ver, ter as imagens vazadas não consta como uma preocupação importante, já que a imagem é justamente postada para gerar curtidas e compartilhamento, o objetivo é expor. Ao mesmo tempo, há publicações que não são pretendidas para que certos públicos tenham acesso, como familiares e contatos profissionais, por exemplo. As fotos são compartilhadas em perfis, e no caso, não foram acompanhados grupos fechados, até porque o *Twitter* não dispõe da ferramenta de criar grupos, como no *Facebook*, *Whatsapp* e *Instagram*. Os perfis podem ser públicos ou privados; nesses últimos casos, apenas as pessoas que eu autorizar que me sigam podem ver minhas postagens, e dessa forma o conteúdo não pode ser

compartilhado na forma de *retweets*. Tornar o perfil privado, ou ainda, apagar a foto posteriormente, estratégia bastante comum, seriam formas de controle.

Há ainda os críticos da exposição na *internet*, de forma geral, como as críticas a quem posta fotos de tudo o que come no *Instagram* ou que expõe de forma demasiada seu cotidiano, evidenciando a relação entre público/privado, argumento também ligado à própria questão do perigo. A viralização de certos memes, como mencionado, também demonstra os limites do quanto se pode controlar o compartilhamento do conteúdo.

Dessa forma, cabe fugir de um “oito ou oitenta” e admitir o paradoxo presente, no caso proposto por Gregori (2003), entre prazer e perigo. Isso faz parte dos debates trazidos sobre a pornografia, não necessariamente apenas vista como algo que oprime, mas também não necessariamente algo que é totalmente libertador (ou empoderador). Segundo a autora:

De fato, estamos diante de um quadro que ora reduz a violência a uma dicotomia entre vítima e algoz; ora, para entender suas difíceis articulações com o prazer, a desloca para um outro campo semântico, impedindo que ela possa ser objeto de reflexão (GREGORI, 2003:120).

Carol Vance ¹⁷criou, a meu ver, uma “convenção” sobre o erotismo que organiza parte considerável das atuações e reflexões do feminismo contemporâneo, assim como ajudou a consolidar um novo campo de pensamento na crítica cultural – as queer theories. Tal “convenção” implica a idéia de que a liberdade sexual da mulher constitui prazer e perigo (GREGORI, 2003:103).

Como tratado a seguir, as imagens íntimas *online* são muitas vezes tratadas com base nas reações a elas no *Twitter*, como algo que se resume a opressão, sobretudo, e à objetificação do corpo das mulheres, bem como por resumir toda questão à própria heteronormatividade, como algo feito para e em favor dos homens cis heteros, muitas vezes, considerado como único “público alvo”.

¹⁷ Sobre Carol Vance, e conforme foi abordado por Gregori (2003:102): “Os resultados da Conferência foram publicados por Carol Vance no livro *Pleasure and Danger*. Esse livro representa um marco importante no campo, pois problematiza e recusa a associação da sexualidade aos modelos coercitivos de dominação, assim como, a articulação desses modelos a posições estáticas de gênero em um mapa totalizante da subordinação patriarcal”.

2.2.2. As biscoiteiras

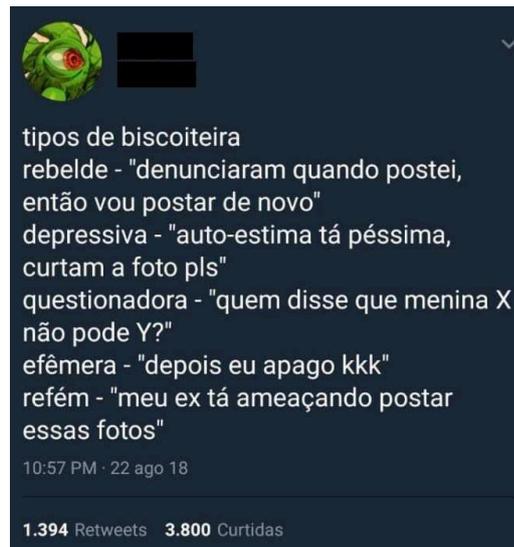


Figura 9 O tweet classifica clichês de posts contendo imagens íntimas no Twitter

‘Ganhar biscoito’ é uma expressão para qualificar alguém que tem tal atitude com o único motivo de ganhar curtidas e atenção. Muitas vezes, é usado para alguém que se aproveita de alguma causa para autopromoção. Um dos argumentos contra as mulheres que postam no evento é a crítica à busca de atenção.



Figura 10 Coragem para postar: há mais posts de mulheres dentro do padrão de beleza por conta da coragem para se expor?

Dessa forma, esse argumento está ligado a noções de autoestima. Por exemplo, muitas pessoas veem o ato de se expor como insegurança, e criticam quem sugere que está se expondo *online* por motivos de superação de problemas referentes à autoaceitação do corpo.



Figura 11 A postagem de imagens íntimas seria fruto de uma insegurança ou aceitação?

Sem dúvidas, uma das discussões mais presentes diz respeito a quais corpos estariam presentes ali. As contradições envolvendo autoestima se desdobram na superação do problema/insegurança, na reprodução dos padrões de beleza hegemônicos vigentes e na simultaneidade de explicações: oposição ou reprodução de padrões de beleza? Hipersexualização?



Figura 12 Reprodução de padrões de beleza

Ainda, há a questão do interior/exterior; ou seja, os problemas relacionados à aceitação do corpo são ora tratados como apenas psicológicos, como frutos da paranoia de alguém, sobre a percepção da própria pessoa sobre o próprio corpo, ora também se leva em conta seu aspecto de problema social, como a imposição de padrões de beleza. Há então uma oscilação entre um individual (os problemas de autoestima envolvem apenas a pessoa que os detém) e um coletivo. Muitas vezes, a própria posição contrária à exposição de imagens íntimas na *internet*, produzidas pela própria pessoa que posta as fotografias, se dá pela presunção de coerção social,

a mulher como vítima e algoz da própria objetificação, não considerando, assim, agenciamentos.

É importante notar, portanto, categorias de acusação, como evidencia o próprio *print* demonstrado nesta seção e também nas próximas. Acusar alguém de querer “biscoito” perpassa uma discussão mais geral sobre o comportamento *online*, a busca por *likes*. Um dos termos muito utilizados seria o verbo “hitar”, quando algum tweet ganha muitos compartilhamentos (*retweets*) e curtidas. Além disso, discussões sobre “lacrção” na *internet* se tornaram bem mais difundidas quando alguém usa alguma causa social para ganhar atenção *online*, podendo ser traduzido como uma problematização excessiva ou ambígua. É recorrente algumas contas serem expostas justamente por essa ambiguidade; por exemplo, compara-se tweets com posições contraditórias; em um encorajando mulheres a aceitarem seus corpos e, em outro, tendo posicionamentos gordofóbicos e racistas.

É necessário lembrar que a própria experiência sensorial que se tem *online* influencia o comportamento na *internet*. Quando nos comunicamos por textos, isso nos priva de visualizar gestos e expressões e, além de tudo, não conhecemos previamente o interlocutor. O contexto de não se estar face a face, no caso do contato *online*, possibilita muito mais interações com desconhecidos (ao menos desconhecidos “cara a cara”), o que talvez não aconteceria *offline*. Isso ilustra lacunas entre o *online* e *offline*.

A questão da autoestima e sua relação com a visibilidade e autenticidade é novamente posta aqui. A motivação, o lado “terapêutico” se dá com a interação, um retorno que é concretizado com as reações que as publicações geram: curtidas, compartilhamentos, respostas, e claro, elogios. Uma imagem íntima seria uma coisa que dificilmente *flopparia* (do inglês, *flop*, fracassar), termo utilizado para publicações que resultam em nenhum engajamento. Mas justamente a discussão sobre a autenticidade é levantada pela motivação: buscar atenção, ou, a busca pela interação – embora todos e todas a busquem – é digno de acusação, e, sobretudo, coloca dúvidas a respeito da autenticidade do ato. Embora todas as imagens busquem retornos, apenas algumas recebem esse tom acusatório pela atenção. Isso permite abordar novamente o controle dos enquadres; pequenos deslizes – o modo como se constrói a imagem, a legenda, a justificativa para tal ato – colocam em cheque a autenticidade da representação.

2.2.3 Objetificação e empoderamento

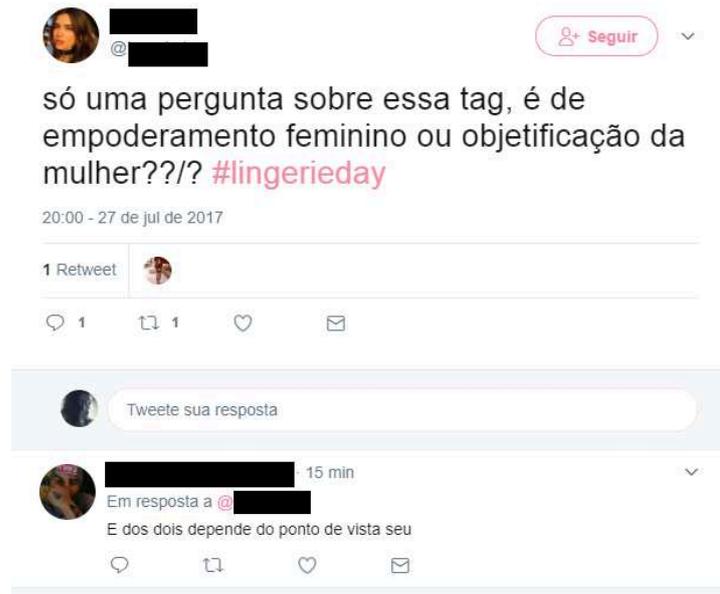


Figura 13 Pontos de vista

Uma das contradições mais nítidas diz respeito ao duo objetificação e empoderamento. Objetificação é usada aqui como sexualização. Já o termo empoderamento é mais utilizado por quem se coloca contra o evento de lingerie e é pouco mencionado por quem posta as imagens *online*, cujos discursos esbarram mais nas questões da autoestima e padrões estéticos.

Um dos discursos que envolvem essa controvérsia mór do *lingerie day* é que o empoderamento seria individual, o que o invalidaria. Porém, a própria geração de curtidas e interação *online*, e muitas vezes a referência a outras mulheres como fontes de inspiração e autoestima, colocam a exposição como além do individual, contestando que apenas a pessoa que compartilha sua foto esteja se beneficiando disso.

Dessa forma, boa parte desse debate dialoga com as diferentes perspectivas sobre a sexualidade das mulheres, havendo bastante diálogo entre mulheres que se autointitulam feministas. Um dos debates envolve rotular esse tipo de exposição enquanto feminismo liberal. Então, há aqui uma oposição entre feministas radicais ¹⁸(e não apenas dessa linha, contrárias ao evento) no *Twitter* e o feminismo liberal. É considerado enquanto parte de um feminismo liberal, nessas discussões, o ato da exposição de nudez. Porém, uma dúvida seria a impressão de que pautas mais ligadas ao sexo (como as postagens contendo nudez, o reconhecimento do trabalho sexual enquanto trabalho, entre outras) seriam mais facilmente reconhecidas enquanto feminismo liberal mais do que outras – como vínculos explícitos entre empreendedorismo e

¹⁸ Essa discussão, sobre como feminismos veem de forma diferente essas questões também estão no capítulo 1, sobre o período conhecido como “*feminist sex wars*”. A menção apenas a estes feminismos, liberal e radical, e não a outros, se deve por serem acionados explicitamente nas discussões sobre a autoexposição de nudez online no *Twitter* com mais recorrência.

feminismo. Um termo chave para entender essa vinculação entre feminismo liberal e os nudes seria o empoderamento. Embora, nem toda nudez online autoexposta, se mostra enquanto motivação política de forma explícita, visto também a naturalização de se expor nua online – sem uma justificativa pensada para tal - muitas vezes, o argumento de que é algo empoderador não é utilizado por quem expõe as imagens.



Figura 14 Empoderamento/Objetificação

Acredito que ainda dentro dessa controvérsia, há a tutela de outras mulheres, no falar por outras mulheres, e também a presença de discursos de ordem moral implícitos. Essa desconfiança reúne vários pontos, como a exposição da mulher como algo que beneficia homens cis heteros, a “autossexualização” como algo negativo, a origem do evento, que foi criado por homens, a exposição *online* de forma excessiva - dessa forma, a desconfiança se mostra como um contradiscurso à visão positiva do evento.

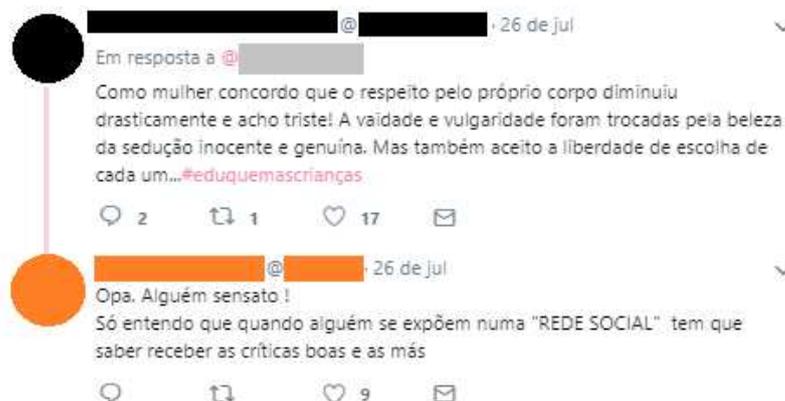


Figura 15 Argumentos de ordem moral

Enquanto o evento é apropriado e discutido com base em discursos feministas, de autoaceitação, por exemplo, de outro lado ele é visto como o completo oposto: como algo machista e a reprodução desse mesmo machismo por parte de mulheres, praticamente uma forma de oprimir a si mesma, e também como uma certa ingenuidade, estar sendo enganada por esses discursos de autoestima e empoderamento.



Figura 16 Origem do lingerie day

O debate do *print* acima e também abaixo, demonstra a complexidade do evento e as tentativas de etiquetá-lo de forma a ser apenas uma coisa ou outra. É interessante o comentário do *print* logo abaixo, “não acho que seja tão simples assim, mas não acho que seja sobre tal coisa”. Dessa forma, dar visibilidade para as controvérsias envolve evidenciar o quanto a autoexposição *online* é impossível de ser explicada apenas levando em conta um ponto de vista, enquanto não é nem um, nem outro - ou todos.



Figura 17 Continuação da discussão anterior, agora, sobre o propósito do evento

2.2.4 “Só para macho bater uma”

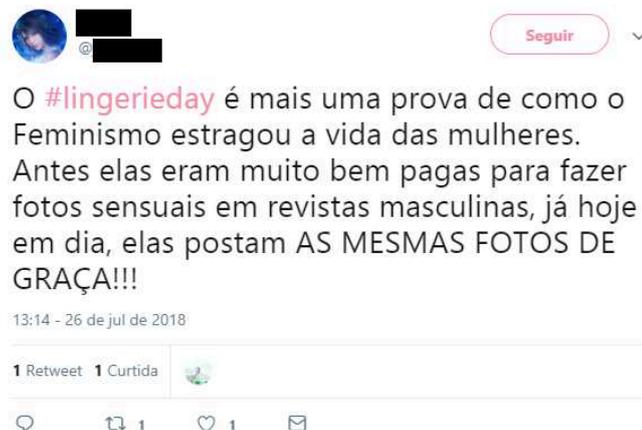


Figura 18 Discussão que se desdobra da autoexposição: comercial/não comercial

Mencionei no capítulo anterior a transformação que a *internet* promoveu na pornografia. Por exemplo, novas alternativas de consumo, que prejudicam as habituais formas: a pornografia *mainstream*. No capítulo anterior, foi mencionada a discussão sobre a não publicação da revista *Playboy* no Brasil, pela Editora Abril, atribuindo a culpa a essas novas formas de consumo.

Uma das contradições seria afirmar que a possibilidade de homens se “beneficiarem” das imagens íntimas já tornaria o ato opressivo. A afirmação conta com a ideia de que homens,

dessa forma, não precisariam se esforçar para pedir *nudes* ou buscar conteúdo pornográfico, já que esse conteúdo está gratuitamente exposto na *timeline*.

Também é delimitado o ato de autoexposição enquanto direcionado para um público alvo específico: homens cis heteros. E que todo o ato se resume a eles, obliterando o ponto de vista das mulheres e colocando em segundo plano se elas se sentem bem ou não com a exposição.

Há a exclusão de um ponto de vista (empoderamento) para se avançar com outro (objetificação). Há também a sobreposição de quadros, como no exemplo abaixo, em que ao mesmo tempo que o ato é entendido como algo que faz com que mulheres se sintam bem e exerçam sua própria vontade, ele não é empoderador e é algo pouco autêntico.



Figura 19 Reprodução de padrões de beleza no evento

A ideia de algo não comercial também é evocada, como se não houvesse propósito ou algo viável que justificasse as postagens de conteúdo íntimo. A origem do evento é constantemente evocada nas discussões, como a teoria de que foi criado por um dono de um *blog* machista com polêmicas misóginas, ou que seu intuito inicial era machista, como já mencionado - ou seja, a ideia de que as mulheres estariam caindo em uma “armadilha” e sendo pouco críticas com o evento. Dessa forma, além de beneficiar homens, outro argumento bastante presente é o de ter sido criado por homens machistas. O print seguinte apresenta a ideia de que discursos de empoderamento e aceitação do corpo podem ser criados para serem usados a favor dos homens.

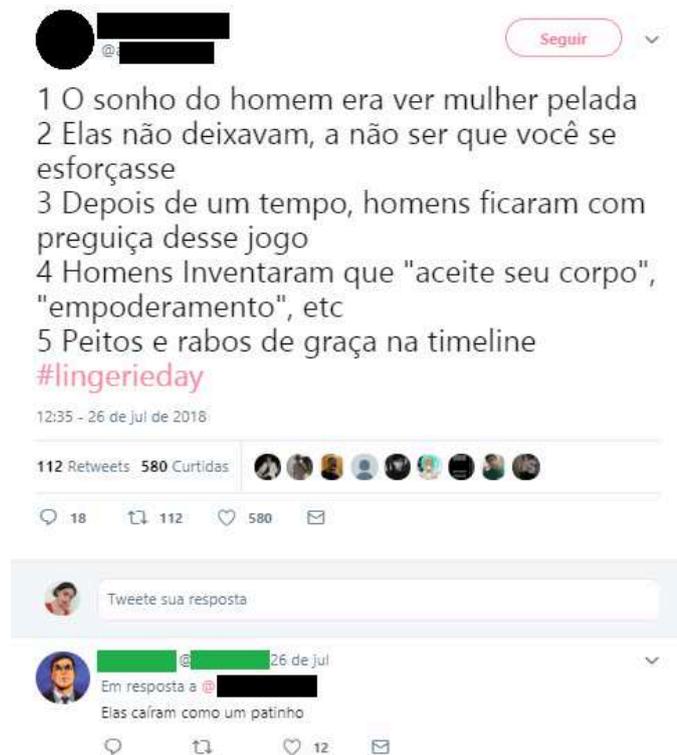


Figura 20. Armadilha?

Na continuidade dessa conversa, os mesmos homens fazem comentários pejorativos sobre o corpo de uma das mulheres participando do #lingierieday. Cabe destacar outra discussão presente nessa época no *Twitter*, a ideia de que homens cisheteros se colocam a favor da nudez de mulheres desde que se sintam beneficiados. Dessa forma, essa ideia também se desenrola em outra discussão presente: a de *nudes* de corpos dentro de padrões de beleza seriam mais aceitos que corpos fora desses padrões.



Figura 21 Continuação da conversa anterior. Exposição da foto de uma mulher por homens.



Figura 22 Objetificação/Empoderamento

A conversa anterior e a que consta a seguir, entre mulheres, destaca a contradição entre o evento fazer bem para quem participa dele, mas simultaneamente beneficiar homens mal-intencionados. A criação do evento é contestada novamente. O interessante também é contestar a espontaneidade, autenticidade, que supostamente seriam o diferencial do *lingerieDay*: o fato de ser criado por homens o deixaria menos autêntico enquanto “libertador”. A ideia da espontaneidade, ou seja, ligada aos discursos de autoaceitação, de “mulheres reais”, também é evocada. Como mostrado, este é outro ponto contestado, devido à maior parte de fotografias ser de mulheres dentro de um padrão de beleza.



Figura 23 Continuação da conversa anterior. Teorias sobre a criação do #linguiereday

2.2.5 Assédio

Algumas reações às fotografias são o envio de conteúdo íntimo não solicitado às mulheres, comentários pejorativos sobre seus corpos, e argumentos moralistas, como se a exposição legitimasse assédios, também deslegitimando a reclamação contra hiperssexualização - por exemplo, reclamar da objetificação das mulheres em comerciais de cerveja, mas expor o próprio corpo [semi]nu *online*. Funcionam, portanto, como um silenciamento e veem na exposição uma contradição com as demandas das mulheres contra a violência: *nudes* vazados de forma não consensual, assédio, violência sexual, gordofobia, etc.

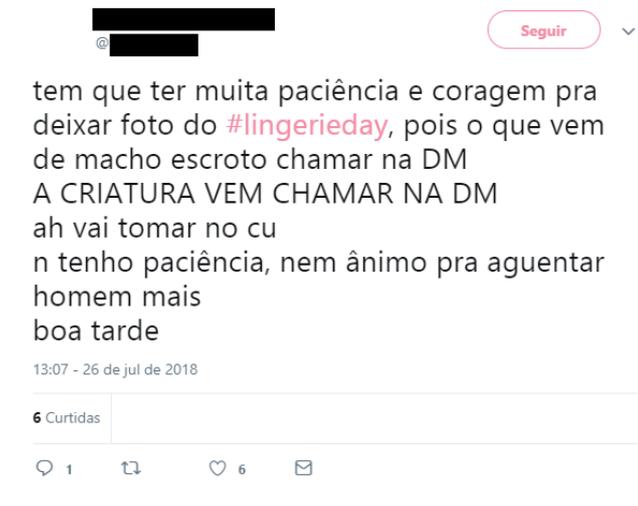


Figura 24 Denúncia de assédio

O paradoxo que ronda a questão da “liberdade sexual” - a que ela serve por exemplo - também está nas justificativas de assédio. Ora, a nudez e a sexualidade ora são vistas como algo que oprime (como nos comerciais de cerveja), ora é vista como libertadora. Dessa forma, há uma descontextualização, não diferenciando os diferentes contextos em que essa nudez está inserida. O argumento é que se uma mulher posta uma imagem *online* de si mesma nua, ela não pode reclamar da hiperssexualização das mulheres, como se toda forma de nudez e exposição contemplasse o mesmo significado.

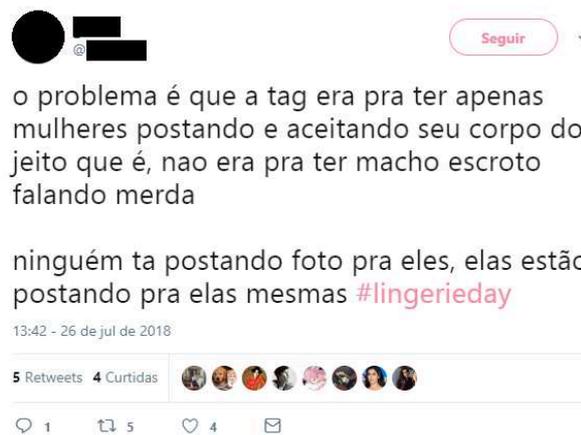


Figura 25 Público alvo

Embora muitas posições contrárias ao evento partam de mulheres que se identificam como feministas, os argumentos de tolerância aos assédios vêm de um público exterior a essas discussões. As postagens seriam interpretadas como convites para esse tipo de assédio. Assim, o ato de expor sua própria imagem [semi]nua estaria no centro da contradição, ao mesmo tempo que esse é o diferencial que torna o ato “empoderador” e inclusive uma contranarrativa às habituais exposições de mulheres na mídia em geral. De outro lado, a autoexposição é vista

como negativa, em termos morais principalmente. Outra diferença é entre a mulher nua em questão de exposição - por exemplo, a mulher que recebe por isso - e a mulher nua, em questão de autoexposição, que se expõe gratuitamente.

2.3 Apropriação e autenticidade/imitação

A própria origem do evento é controversa, visto que foi criado por homens. Porém, a apropriação do evento pelas mulheres para desenvolverem suas próprias pautas não deve ser deixada de lado. A questão da autoria é importante aqui: onde mulheres passam a se representar como gostariam, incluindo corpos que normalmente não estão presentes na mídia hegemônica. Neste item, pretende-se discutir a relação entre continuidade e mudança. Embora a autoexposição, nesse contexto da exposição de intimidade, traga mudanças, para isso ela se utiliza de referências hegemônicas. Isto é notável nas próprias críticas contra o *lingerie day* – o que configuraria um teor de sexualização/objetificação, ou sensual? Existem ações e códigos esperados para uma determinada situação – dois exemplos desses códigos seriam as poses e os cartões. Dessa forma, um ponto de vista sobre este evento é que ele pode não ser visto como mera reprodução de padrões hegemônicos, de machismo e objetificação, mas algo que se utiliza de tudo isto justamente para subverter, contestar, dessa forma, um empenho criativo.

Talvez a primeira coisa que apareça em mente sobre a imitação sejam as celebridades, capas de revista. A imitação aqui é pensada como criatividade e não mera cópia, até porque toda imitação traria algo de novo: “[...] imita, mas sem ser idêntica àquilo que representa” (NOVAES, 2008:459). Na divulgação de fotografias sobre os ensaios sensuais, o uso da expressão “mulheres comuns” é bem corriqueiro: mulheres comuns em contraposição a mulheres famosas, celebridades, capas de revistas, supermodelos.

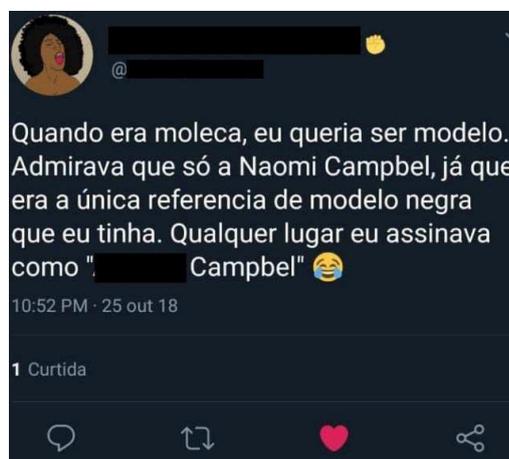


Figura 26 O print acima não se refere às imagens íntimas, mas demonstra a questão de representatividade e "imitação" que permeia o capítulo. A palavra tarjada é o nome da autora do tweet.

Mas o *online*, como já mencionado no capítulo anterior e neste mesmo, funciona a partir do embaralhamento de fronteiras, não é nem um nem outro. Um bom exemplo seriam as próprias influenciadoras digitais, pessoas “comuns”, produzindo seu próprio material, mas que tem tanta notoriedade quanto quem é ‘realmente’ famoso por atuar em uma novela, seriado, banda, etc. Outra questão importante dos ensaios para compreender a questão da imitação seria que muitos entregam as fotografias em formato de uma revista:

“Outro destaque do novo site é o Formato Revista, que sempre esteve disponível como opcional para todos os pacotes de book, mas agora tem sido muito procurado como forma de acabamento para os ensaios sensuais. Neste formato, além da diagramação no padrão editorial de revista, nós preparamos a carta ao leitor e várias reportagens de acordo com o tema do ensaio e gosto pessoal da cliente. Essa revista exclusiva, que é impressa em papel *couchê* de altíssima qualidade, é realmente um foto-produto diferenciado [...]” (André Reyes Fotografia, 2010)

A revista a qual pude acompanhar mais de perto, produz duas versões impressas. Uma delas mostra ensaios sensuais, mas também textos escritos por suas colunistas sobre temas específicos, como sexo, relacionamentos, carreira, estética, entre outros. A outra seria o próprio ensaio sensual em forma de uma revista, que é entregue para a mulher fotografada.

Envolve a performance do real, do autêntico, do sensual e, ainda, da própria noção de “feminilidade”. Isso parte bastante das equipes de fotografia nos ensaios sensuais, de captar, com a câmera, uma suposta “essência feminina”.

Há aqui a relação entre reiteração e mudança. A mesma prática pode se apresentar em diferentes enquadres, o *online* e *offline*. Segundo Miller (2012):

[...] A antropologia digital será perspicaz na medida em que revela a natureza mediada e enquadrada do mundo não digital. A antropologia digital falha na medida em que faz com que o mundo não digital apareça retrospectivamente como não mediado e sem enquadre. (2012:13, tradução minha)¹⁹

Ao se tratar das continuidades e descontinuidades entre o *on* e *off*, e levando em consideração que o *offline* é tanto mediado e dentro de enquadres quanto o *online*, é possível argumentar que o *online* não é menos autêntico que o *offline*.

Dessa forma, o *online* revela continuidades com práticas que já existiam *offline* e foram atualizadas. No caso, as imagens íntimas *online* apresentam tanto continuidades e descontinuidades com o *offline*. Continuidades quanto à pornografia, por exemplo, no caso das mulheres sendo apresentadas em revistas masculinas e hoje, apresentadas de forma *online*.

¹⁹ Texto original: [...] digital anthropology will be insightful to the degree that it reveals the mediated and framed nature of the nondigital world. Digital anthropology fails to the degree it makes the nondigital world appear in retrospect as unmediated and unframed.

Dessa forma, há descontinuidades com base na atualização de práticas existentes, e também no sentido que não há um equivalente a esse ato de se autoexpor, ou mesmo enviar *nudes, offline*. As descontinuidades, neste sentido, sobressaem mais, porém, as continuidades ajudam a pensar o estereótipo que ronda o que ocorre na *internet* como sendo necessariamente uma novidade. A apropriação, e portanto, a criatividade, também são pontos importantes para pensar o *online*, já que, sobretudo com o advento de *smartphones*, as pessoas passam a criar em grande escala seu próprio conteúdo.

Algumas práticas *online* acabam colocando em cheque o equivalente a essas práticas *offline*, como certas formas de consumo da pornografia, como as revistas, e até em termos mais amplos, como o mercado literário de modo geral.

Para discutir as transformações nos quadros primários, Goffman introduz os conceitos de *key* (chave) e *keeing*. A *chave* diz respeito a um conjunto de regras e convenções a partir das quais uma atividade é transformada em outra, partindo de um quadro primário e atualizando-o (*Idem*, pp. 43-44). Por meio dessa noção, o autor destaca a possibilidade de transformação e a sobreposição de quadros ²⁰(MENDONÇA; SIMÕES; 2012:190)

Além do conceito de *key*, há o *footing*, que se refere ao posicionamento dos sujeitos em determinada situação. “O *footing* é construído e transformado a partir dos discursos dos participantes de uma interação [...]” (2012:190). Os dois conceitos pensam a sobreposição e mudança de quadros.

A questão da performatividade de gênero, evidenciada por Butler, coloca que a mesma se dá por repetição das normas, uma “repetição imitativa do original” (2003:57), e que evidenciaria que o próprio “original” (o que está como normativo) seria uma paródia de uma ideia do que seria o original/natural. A própria reiteração dessas normas geraria deslocamentos, como o exemplo das *drag queens*. A repetição também gera subversão, segundo Butler (2003:55): “repetição da lei que não representa sua consolidação, mas seu deslocamento”. Assim, escapa do binarismo cópia/original, já que o próprio original não existe enquanto tal.

Levando-se em conta o que foi exposto, as seguintes controvérsias se mostraram presentes: autoexposição/exposição; mulheres comuns/celebridades, modelos, etc; objetificação/empoderamento; reprodução/contranarrativa; hegemonia/contradiscurso; autoestima/insegurança; apropriação/‘armadilha’; reiteração/mudança; continuidade/descontinuidade; falso/autêntico; risco/controle; vítima/algoz; individual/coletivo; público/privado; comercial/não comercial e *online/offline*. Essas

²⁰ A menção a Goffman na citação do artigo se refere a: GOFFMAN, Erving. (1986), *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Boston, Northeastern University Press.

contradições poderiam ser resolvidas? Ou, em outras palavras, há o questionamento do quanto essas práticas seriam reversíveis para algo que beneficia mulheres. Dessa forma, se essa transição seria completa. Portanto, procurou-se sinalizar e evidenciar essas contradições neste capítulo.

Algumas dessas contradições se estendem no capítulo seguinte, sobretudo, as contradições sobre noções de autoestima e autoconhecimento, presentes nos relatos das mulheres fotografadas e discursos analisados de quem as fotografa profissionalmente. Além da continuidade dessas contradições, há a reflexão sobre o rememorar, os processos de exposição e discursos que envolvem mudanças corporais e uma visão um pouco mais crítica do que foi tratado até aqui, sobre sentidos mercadológicos que termos como autoestima, autoconhecimento e empoderamento foram assumindo.

3. Imagem e corpo online: As relações entre exposição, autoestima e autoconhecimento²¹



Figura 27 Foto de um ensaio sensual

²¹ Todos os nomes inseridos nos capítulos são fictícios e escolhidos por mim ou pelas interlocutoras.



Figura 28 Foto de um ensaio sensual



Figura 29 Rascunho com ideias para as fotos de uma das fotografias



Figura 30 Foto postada em perfil no twitter



Figura 31 Foto de um ensaio sensual



Figura 32 Foto de um ensaio sensual



Figura 33 Foto de um ensaio sensual



Figura 35 Foto de um ensaio sensual



Figura 34 Foto postada em perfil no twitter

É necessário discutir a importância do *online* para essa constante produção. A produção de si, agora retornando a temática da pesquisa, se dá pela autoexposição de imagens do corpo no *Twitter*. Há a questão do autoconhecimento - da construção de subjetividade - pela própria imagem, pelo próprio ato de se ver pela foto. Não é apenas um ato individual, mas marcado principalmente pela interação, desde os comentários das imagens, pela troca de autoexposição, às reações - a favor ou contra - geradas por essa prática. Na interação com o outro e no ato de se ver pela foto, há o aparecimento de uma categoria importante para este capítulo, a autoestima.

O presente capítulo pretende, de certa forma, dar continuidade ao mapeamento de contradições. No capítulo anterior, há as controvérsias geradas pela autoexposição *online*, geralmente oriunda de imagens caseiras. Neste terceiro capítulo, resgata-se algumas dessas controvérsias, direcionando mais para os ensaios sensuais profissionais, e as controvérsias que giram em torno das noções de autoestima, empoderamento e autoconhecimento. Antes disso, há a exposição de breves relatos oriundos de alguns diálogos com mulheres [auto]fotografadas e reflexões sobre corporalidade, imagem e memória.

No que diz respeito aos relatos aqui expostos, alguns são mais longos que outros, dessa forma, refletindo a própria proximidade com algumas pessoas mais que com outras, sobretudo, proximidade que obtive mais com quem também conversei cara-a-cara.

As pessoas acessadas somente *online* tem a mesma faixa etária, em torno de 20 a 30 anos de idade, são elas: Marcela, Mavis, Clarice e Maria. Algumas das imagens expostas são frutos de ensaios sensuais profissionais, e outras, de ensaios caseiros. Já as pessoas com quem consegui conversar são as que realizaram ensaios sensuais profissionais, na cidade de Florianópolis: Salete e Inês. As pessoas que realizaram ensaios profissionais com quem pude conversar tinham uma faixa etária mais diversa entre si e postaram apenas imagens menos explícitas dos ensaios na *internet*. Muitas das controvérsias mapeadas no capítulo anterior estão presentes também nesses relatos.

Tinha interesse nas trajetórias de vida das pessoas com quem conversei, embora nem todo diálogo com as interlocutoras proporcionasse isso, contar sua história de vida. Curiosamente, esse tipo de conversa se deu com as interlocutoras que tinham uma maior faixa etária, mais de quarenta anos de idade, por exemplo, em comparação às outras, entre 20 a 30 anos de idade. Isso também justifica a seção de memória, presente adiante.

Como optou-se por privilegiar as contradições presentes nessas práticas de autoexposição, boa parte deste capítulo pode soar um pouco mais crítico com os discursos e narrativas de páginas de fotógrafas acompanhadas, ou mesmo com as palavras-chaves do capítulo, como autoestima e autoconhecimento, empoderamento, etc. Cabe salientar que nem

todos as fotógrafas foram acompanhadas presencialmente. Algumas aproximações se deram apenas com a análise de conteúdo, como páginas e redes sociais, e também entrevistas estruturadas.

Outras fotógrafas e fotógrafos foram abordados apenas através de uma análise de páginas e redes sociais, e não houve nenhum contato, *online* ou *offline*. Apenas uma rede de fotógrafas conseguiu acompanhar cara a cara e *offline*, concomitantemente. Cabe, portanto, pontuar que a seção que engloba o assunto do *marketing* dessas páginas de fotógrafas diz respeito a todas as equipes acompanhadas, no geral, e não é específica a determinado grupo.

3.1 A prevenção como foco

Inês evidenciou diversas vezes seu foco na prevenção, segundo ela, foi assim que descobriu que tinha câncer de mama. Dessa forma, Inês também pode ser um ponto de referência para quem ver suas fotos. Alguns relatos mencionam a questão de representatividade para reclamar de uma ausência, nesse sentido, de algo que foge de padrões hegemônicos.

Saúde se mostrou uma questão central nas histórias acompanhadas. Para Inês, foi um ponto de partida para sua motivação de fazer um ensaio sensual. Muitas vezes, mudanças de quadro de saúde são apresentados como estopins que mudam a forma como as mulheres com quem dialoguei percebiam seus corpos, tanto em questão de consequências estéticas quanto de saúde mental. Inês, por exemplo, tem uma cicatriz nos seios, que é protagonista de suas fotos. Em outra imagem, está vestida com uma camiseta símbolo do câncer de mama, portanto, as imagens e o próprio corpo de Inês nas fotografias contam um pouco sobre ela e o câncer.

O ensaio de Inês foi o único que consegui acompanhar presencialmente. Para fazer o ensaio, ela olhou imagens de outros ensaios, enviadas pela própria equipe de fotógrafas, para pensar tanto em expressões quanto em poses. Há o ponto referência para a prevenção, posição em que Inês se coloca, embora ela use pontos de referência de outros ensaios para basear o seu e no contar parte de sua história de vida. Algumas conversas relatam a presença de outras mulheres como tais pontos de referências. Inês rememora quando morava com uma amiga, onde cada uma tinha um problema oposto relacionado à estética corporal, sendo esta amiga uma ajuda para superação desses mesmos problemas.

A menção a uma mulher (uma amiga, uma médica, uma modelo) que serviu como apoio ou inspiração se mostrou nítido em outros relatos acompanhados. Muitas vezes a figura de tal mulher, em questão de acesso à memória, estava ligada a eventos do passado, principalmente

relativos às mudanças corporais ou de pensar sobre si mesmo, a mudanças de autoestima, portanto.

Eu lembro, que como sempre eu morei fora, tinha uma amiga que ela era baixinha e ela tinha um peitão grande também. E eu também baixinha e peitão grande. Ela tinha complexo da altura e eu tinha complexo do peito. Aí a gente foi morar junto, dividir apartamento, aí eu falava, “desencana, que altura! Para”. O que a gente precisa a gente alcança. Não tem dessa. Aí eu tirei esse complexo dela da altura e ela me tirou do peito, porque ela usava uns decotes e aí começou aquela fase que todo mundo começou a botar silicone, eu falei “olha, não preciso colocar silicone, já tenho peito grande”, então, foi onde eu desmistifiquei tudo isso. Foi onde eu comecei a me aceitar e com a idade isso me ajudou muito, tipo, se tem uma gordurinha ali, uma estria aqui, a gente tem, fazer o que? [...] eu também sou feliz assim e eu não tenho vergonha nenhuma, você bem viu no ensaio, eu já cheguei tipo, quem quer ver vê, quem não quer fecha o olho e sai. Tipo, não sei quem foi que inventou roupa. Acho que seria mais fácil viver todo mundo pelado, sem roupa, teria menos vergonha, menos preconceito, não ficaria nessa “pilha” de corpo ali, corpo aqui [...]

Seu ensaio foi devolvido em formato de uma revista personalizada. Algumas questões centrais na conversa com ela envolveram como o corpo está relacionado com aspectos profissionais, e como já mencionado, de saúde. Ela conta que mostrou sua revista impressa para amigos, familiares e visitas. Já *online*, não era sua intenção expor seu ensaio, embora utilizasse como foto de perfil algumas das imagens.

Minha relação com a internet... vou ser bem franca: Eu gosto, mas dentro de um limite, eu sou mais à moda antiga, gosto mais do cara-a-cara, do pessoalmente, gosto mais de uma ligação, de ouvir uma voz, no entanto, eu tenho Facebook e Instagram, não sou pilhada, não fico postando stories, que fica toda hora, onde você está você está postando. Mas eu gosto, no Instagram, tudo o que tem [em seu perfil] é o que eu gosto, é minha opinião, um lugar bonito que eu gosto.

Postei [as fotos dos ensaios sensuais], eu gostei, acabou saindo no Instagram, porque eu lembro, que eu recebi da Barbara [fotógrafa], o link das fotos e tinha uma foto que estava a camiseta do câncer, eu tava numa segunda-feira e segunda-feira pra mim é o pior dia de trabalho, tava naquela correria, aí eu falei, vou postar essa foto, porque eu sempre posto alguma coisa de câncer devido a prevenção, aí quando eu vi foi o link inteiro, eu falei “ah, agora, vamos jogar o peito a rodo”, [...] foi o link inteiro no Face, aí assim, eu comecei a receber comentário no meu Whatsapp e eu não tava entendendo, eu falei “como assim?”, aí depois que me toque que foi o link. Aí eu falei: “Deixa!”, assim pelo menos as pessoas veem e tem a prevenção, que é o que eu quero, o intuito foi esse. Mas eu gosto, eu gosto, principalmente pelo fato de que eu moro longe, então eu sempre estou com amigas, filhas, filhos, primos, tem um lado bom da internet, mas eu gosto mesmo do pessoalmente, do cara-a-cara, sem sombra de dúvidas. Melhor que o wi-fi é o cara-a-cara, o tête à tête. [...]. No Whatsapp, você está escrevendo e a pessoa interpreta do jeito que ela quer, por isso que tem alguma coisa, eu pego e mando áudio, porque você ouvindo a tonalidade que a pessoa está falando é uma coisa, você lendo você interpreta do jeito que você quer. As vezes não é a mesma coisa que você está falando [...].

Inês trouxe uma idade problema, também trazido por outras interlocutoras, a faixa dos vinte anos. As conversas com mulheres com quem conversei, com mais de quarenta anos de idade, trazem a narrativa de superação dos problemas de autoestima, revelando marcos de uma

idade problemática nesse sentido, problemas relacionados à insegurança com o corpo quando eram mais novas.

Com o passar da idade, autoestima aumenta junta autoestima, junta a sabedoria que você adquire na vida com o passar dos problemas, a maturidade que você tem, porque se você tem uma cabeça de 20 é uma coisa, com 40 é outra, a diferença é nítida, eu até brinco, que não troco meus 40 por meus 20, não troco jamais. Eu sempre tive uma boa autoestima, mas melhorou muito.

Além desse marco, é apresentado um marco que inspirou a decisão de realizar um ensaio fotográfico e, em alguns casos, também de um marco que mudou sua relação com o próprio corpo.

Embora se configure como um pensamento clichê de que pessoas mais velhas, como as pessoas que possuíram um computador só depois de adultas, utilizem menos e desconfiem mais da exposição *online*, esse pensamento se reproduziu na pesquisa. Mulheres mais jovens estavam menos preocupadas com a exposição, não obstante, não se importando caso a exposição tivesse uma continuação em outras exposições não pretendidas.

Inês contou sobre a produção para o ensaios, roupas e maquiagens, e faz uma analogia com o trabalho que tinha na época do ensaio, onde permaneceu até meados de 2018. Nele, ela tinha que se vestir de maneira formal, porém não gostava de se vestir assim, conforme conta, preferia algo mais “natural”. Dessa forma, há a ideia de um “natural” em contraposição a um “artificial”:

Eu gosto muito do natural, quanto mais natural melhor, eu não gosto de coisa artificial. No entanto, quando eu tive a opção de fazer a cirurgia do peito, ele quis tirar os dois e colocar silicone, poderia estar com o peito assim, lindo! Falei: “não, não quero, eu gosto do meu peito assim e eu não vou por”, eu gosto do corpo natural e eu também sou muito natural, não gosto de muita maquiagem, quanto mais natural melhor, eu acho.

Dessa forma, embora o ensaio tente capturar o “ser você mesma”, o “real” e uma visão autêntica sobre si, ele proporciona conhecer personagens, versões de si, como a forma “super produzida” de Inês. Em alguns depoimentos nos websites de estúdios que realizavam ensaios sensuais eram frequentes os relatos em que as mulheres apontavam que a imagem permitia “ser várias”, “sair do cotidiano” ou “viver personagens”.

No caso de Inês, ela havia comentado que não usa maquiagem no dia a dia, ou mesmo salto alto, mas que seu trabalho demanda se vestir formalmente, como já mencionado. Segundo ela, no seu trabalho, ela vive uma personagem.

As pessoas, que se dão a ver, também veem, e são vistas por outrem. Nessas relações, modificam o modo como percebem a si mesmas, bem como suas próprias atuações. Modificam-se, porque se reinventam a partir da imagem na qual se podem ver. O corpo que atua, que lembra, que reconta, que aprende, que recria, em processo incorpora às suas experiências elementos exógenos: a câmera, os equipamentos a ela

atrelados, e as narrativas que se podem produzir com essas ferramentas. (MARTINS, 2014: 757)

Portanto, é possível encarar a imagem como algo que permite se ver como outra, se ver de fora. É interessante notar que muitos relatos também apontavam para a questão do autoconhecimento: é preciso se ver como outra para se conhecer, e esse autoconhecimento ou estranhamento de si (se ver como outrem) se faz através do corpo, visto que é o elemento central desses tipos de imagens. O posar para a foto, segundo Barthes (1984), equivale a fabricar um corpo, sendo a fotografia, “um advento de mim como outro”.

O projeto “Poder de Mulher” traz como slogan “O autoconhecimento como pauta”. Esse discurso se encontra presente em todas as equipes de fotografia com que entrei em contato. Conforme uma entrevista com Cleber, fotógrafo do estúdio Boudoir Floripa, as mulheres “somente depois do ensaio entendem que o ensaio serviu para se autoconhecer e entender como são vistas por outras pessoas”. Segundo o *website*²² de Dani Coelho Fotografia, descobrir-se “envolve um encontro com ela mesma sob uma nova visão”.

Não fui fazer book para dar para ninguém e sim me presentear, não fui buscar auto estima, mas reforçar, me rever, me reencontrar... (Depoimento: Boudoir Floripa, 2017)

Bom, aqui estou. Às vezes pensamos que é fácil falar de nós mesmos para os outros quando na verdade é difícil. Porém, é difícil até o momento de você realmente se conhece e se vê com outros olhos. (Depoimento: Boudoir Floripa, 2017)

Consegui viver personagens que no dia a dia não temos oportunidades. (Depoimento: Dani Coelho Fotografia, 2016)

3.2 Mudança e autoaceitação

Clarice tem 25 anos e é advogada. Nas imagens que posta em sua conta do *Twitter*, expõe fotos do seu cotidiano, normalmente em seu quarto. Duas coisas que me chamaram atenção são o uso de maquiagem em todas as fotografias e também os cabelos coloridos.

Ela relata que já fez um ensaio fotográfico sensual, e possui uma baixa autoestima, sendo que as imagens ajudam-na ver seu próprio corpo e também a auxiliam na busca por autoaceitação.

É possível notar, assim, a ideia de uma diferença de percepção, entre se ver pela fotografia e se ver com os próprios olhos. A mudança em questão da autoestima veio com o

²² O *website* foi atualizado, por isso não consta como referência o *link* exato onde estava disponível este trecho. Alguns trechos de páginas de fotógrafas, incluindo relatos das fotografadas, não constam referências, porque os *links* não estão mais ativos.

ganho de 20 kgs em pouco tempo. Uma das legendas das imagens que ela postou *online*, no *Twitter*, dizia “queria muito perder essas dobrinhas” ou “vou voltar para esse corpo, vocês vão ver”.

Contudo, a autoaceitação, ou os discursos clichês sobre beleza e autoestima, como o “seja você mesma”, não são necessariamente uma conformidade. Clarice quer aceitar seu corpo, mas simultaneamente quer mudá-lo, colocando em jogo a relação entre conformidade e mudança. Como as imagens que acompanhei de Clarice são postadas no *Instagram* e *Twitter*, elas revelam um ar mais espontâneo, do dia a dia. Mas, nos ensaios sensuais, junto com o discurso de “ser você mesma”, está em jogo, ao mesmo tempo, a saída do cotidiano, o posar para uma fotógrafa, ir no cabeleireiro, usar roupas e maquiagem que você não utilizaria no seu dia a dia. Ser você mesma coexiste muitas vezes com a mudança, testar outras versões de si, ou simplesmente ser e tornar-se outra.

A mudança de aparência de Clarice também fez com que ela fosse criticada *online*. Abaixo, alguns exemplos de perguntas anônimas que recebeu no *Curious Cat*:

O que vc considera subversivo e sensual ao mesmo tempo?
pessoas gordas

no pressure, mas posta no tumblr qualquer hora, ce é tão linda
vou postar de novo só quando emagrecer

sente falta de algo do teu passado?
da minha magreza por favor volte não aguento mais ser gorda dói demais

Já se filmou transando alguma vez?
já algumas vezes

Tu não é nem gorda para de querer ganhar biscoito em cima disso
ora vsf quem tem que dizer se eu sou gorda ou não sou eu mesma

ou vc quer ser plus size ou vc odeia ser gorda, os dois não dá.
como se tu tivesse nascido se aceitando né filho

a vagina e.e
eu mostrei no tumblr aproveita que eu já vou apagar

Mas que merda de haters. Vc é linda do jeitinho que está :)
obrigada s2

Tu era tão bonita como virou um trem desse feio?
pois é né...:/

Os pontos de referência aparecem novamente, no caso de Clarice, por exemplo, ela faz uso de *hashtags* como *#bodypositive* e *#curvygirls*. Dessa forma, o *online* acaba criando grupos,

ou um “novo mundo”, ao reunir pessoas conforme suas demandas e interesses, assim, ela faz parte de um grupo que compartilha aquelas mesmas demandas sobre o corpo e sua aceitação.

3.3 Beleza e saúde mental

Quando conversei com Maria pela primeira vez, ela havia postado apenas duas imagens no *Twitter* de conteúdo íntimo, sendo nenhuma das fotos explícitas. Ela também considera que não tem uma boa autoestima, relatava já ter tido transtornos alimentares na adolescência, como bulimia e anorexia.

Os assédios que recebeu *online* foram as questões que mais nortearam nosso diálogo. Logo, diferente das mulheres mais velhas com quem conversei, há uma despreocupação com possíveis desdobramentos da exposição. Há uma própria naturalização da exposição, ao perguntar algo relacionado sobre as motivações para tal prática, ela me respondeu que postava as imagens porque achava-as bonitas.

Não parecia haver preocupação sobre o uso posterior de suas imagens, possíveis desdobramentos. Mas o problema para Maria era saber disso através do recebimento de material sexualmente explícito, como vídeos de pessoas se masturbando, ou mesmo comentários de pessoas que diziam usar o conteúdo que ela postava para esse fim.

Recebo foto das partes íntimas de gente que nunca nem falou comigo, acho q fotos sensuais não justificam os atos, vc fazer suas coisas com suas partes íntimas em particular é ok, agora se dirigir a pessoa e ainda mandar foto do que ela tá fazendo é desnecessário além de nojento.

Alguns comentários sobre as reclamações do assédio sofrido por Maria incluem “óbvio que você sabia o resultado”, ou sinalizava o “resultado da sua ação”. Assim, naturaliza-se o assédio com a justificativa de reação ordinária à exposição de conteúdo íntimo. Sobre as situações de assédio, ela conta que nunca tinha recebido esse tipo de conteúdo: “já posteí várias fotos do gênero e nunca recebi, só que agora teve muito mais acessos/repercussão do que eu imaginava que seria, infelizmente, acontece [...]”. Dessa forma, mesmo que não haja demasiada preocupação com as possíveis consequências da exposição, não é possível ter controle sobre ela.

3.4 Representatividade

Nas conversas com Marcela foi apontada uma contradição bem presente nos debates sobre a hiperssexualização de corpos negros e como essa relação se daria com a autoexposição.

Ao mesmo tempo que dá visibilidade, representatividade, a corpos que normalmente estão ausentes por conta de padrões estéticos, esses corpos, quando representados, tendem a ser em um contexto de sexualização.

Ao ser questionada se haveria algum grupo de mulheres que seriam mais julgadas por postar fotos de si mesmas *online*, ela trouxe o argumento da hiperssexualização de corpos negros. Simultaneamente, acredita que os *nudes* incentivam autoaceitação. Em um dos tweets apresentados no capítulo anterior, ela coloca a modelo negra Naomi Campbell como inspiração na infância.

As negras com certeza são bem mais julgadas por todo um contexto histórico. Já somos hiperssexualizadas mesmo sem nos expor. Tenho problema de auto estima não relacionado a minha aparência. Sou bem ok com isso. O que faz com que eu me sinta inferior é não me sentir suficiente, achar que qualquer pessoa é melhor que eu em qualquer coisa.

É hiperssexualização quando compartilham corpos negros expostos, perpetua o compartilhamento desses corpos. Eu mesma fico incomodada por ver por exemplo que de cada 10 foto da Rihanna e da Iza nas redes sociais, 9 são elas seminuas ou nuas como se elas se resumissem ao corpo bonito, por outro lado se expor ou não é um direito.

O ponto de Marcela também é constar como um incentivo à autoaceitação, para outras mulheres. Marcela não tem tantos problemas com autoestima em um sentido estético, concebendo múltiplas noções de autoestima, como, em capacidade de fazer coisas, autoconfiança, etc.

Marcela é fotografada pela namorada e em algumas fotos, ambas posam juntas para as fotos. Ela também participou do *Lingerie Day* de 2017 e também se sente inspirada por outros *nudes* e *semi nudés*, conforme informa:

[...] Sempre tiro pra me sentir mais bonita, mais gostosa... Às vezes vejo semi nudés nas redes sociais, acho bonito, aí me motiva a tentar tirar um semelhante. Sempre rola assédio. Comentário negativo só rolou uma vez numa page que pediu pra postar um nude meu e provavelmente por não ser minha page e nem ter minha identidade, se sentiram mais à vontade pra me detonar e aí uma mina ficou zoando meus seios.

A diferença em olhar para o próprio corpo pela fotografia, segundo ela, é a possibilidade de “truques”, por conta das poses e do carão. Ela nem sempre planeja suas fotos previamente, apenas quando vê uma foto na qual se inspira.

Relata uma desconfiança com fotógrafos homens que realizam ensaios sensuais, devido à quantidade de abusos nesses contextos. Na época de disseminação dos memes de “*barbies e kens hipsters* [e machistas²³]”, a figura do ken, representando um fotógrafo convidando para fazer um ensaio sensual simbolizava esses contextos, e relatos do tipo são comuns.

²³ Há um exemplo similar a esses memes mencionados no glossário.

3.5 Câmera e autenticidade

Mavis trabalha como modelo, produtora e maquiadora. Algumas de suas fotografias são frutos de ensaios pagos, outras voluntárias, outras para campanhas ou enviadas para revistas. Ela também posta algumas de suas fotos *online*, no *Twitter*.

No começo, eu fui chamada por um fotógrafo por causa do cabelo colorido (era diferente naquela época), e eu fui por curiosidade mesmo pq eu sempre quis ser modelo etc pra mim ia ser uma amostra de como se portar em frente as câmeras etc., depois como a gente virou amigos e até trabalhamos juntos, eu lido com isso sempre, mas ser fotografada pra mim e uma experiência diferente toda vez, parece que toda vez eu me enxergo diferente, sabe, é eu me vendo pelo olhar de outra pessoa. Eu tenho (agr menos) problemas com autoestima, depois que posei nua semi nua (n por brincadeira sei la) me vi diferente, pq n é o q minha mente criou q vi la, é o real q a câmera captou

clichê né, kkkkkk

O “se ver como outra” coexiste com o “ser você mesma”. Há a ideia de uma percepção ‘enganosa’ que se tem de si, como o se ver no dia a dia “com os próprios olhos”, e se ver na fotografia, como outrem (“me vendo pelo olhar de outra pessoa”). Nesse sentido, a presença da câmera dialoga com um ideal de autenticidade, “é o que a câmera captou” e “não o que minha mente criou”.

Ela conta que sempre teve problemas com autoestima, que começaram com 10/12 anos de idade. Normalmente, estuda referências, ou seja, outras fotos, e cria um repertório de poses, ela acredita que elementos como o “carão” dependem da personalidade de cada pessoa, no caso dos ensaios sensuais. Já nos ensaios que realiza para campanhas, de cunho comercial, tem que haver neutralidade.

Mavis também tem um perfil na plataforma *Suicide Girls*²⁴. Parte do conteúdo disponível nesta página é pago. Segundo ela, muito do conteúdo que vemos da página em outros ambientes pode ser conteúdo vazado.

Sobre a estética específica das pessoas que tem um perfil na página, que segundo a própria página, seria um estilo pin-up, conforme consta na seção sobre a plataforma, ela propõe uma outra noção de beleza, uma ideia de beleza redefinida. Segundo Mavis, a página foge do estereótipo de modelos tradicional.

Segundo ela, na plataforma, não deveria haver, pelo menos seria a ideia - “peso, formas, tamanho ou cor específicas”. Quando perguntei a ela se via diversidade na plataforma, ou se

²⁴ Consultar glossário.

seguia essa ideia original, ela respondeu que não tanto quanto deveria ter, mas que isso também seria gerado por exigências externas, de quem paga pelos conteúdos.

Ela vê na página uma melhor forma de divulgação de seu trabalho como modelo e maquiadora:

Depois que entrei pra Suicide Girl foi quando começou minha "vida de modelo" claro, alternativa (e com conteúdo sensual) mas tive uma oportunidade pra começar, já que fui vetada por várias agências por falta de altura, corpo por aí... acho que a maioria das meninas é por isso também sabe[...]

É interessante notar que a própria profissão exige a criação de um perfil específico nas mídias digitais que está presente, por questões de visibilidade. E também que, outras plataformas como *Instagram* e *Twitter*, direcionam ao seu perfil em *Suicide Girls*, presente em sua “bio” - descrição que faz de si mesma, o *link* para sua página no *Suicide Girls*.

3.6 Roupa como interferência

A relação com Salete foi um pouco diferente do restante de interlocutoras, já que a mesma faz parte da equipe da revista que tive mais acesso, que também produz ensaios sensuais. Ela fez um dos primeiros ensaios da revista, como modelo. Ela atua na revista também como colunista: escreve sobre sexo e também é *sex coach*.

A noção de autoestima que ela apresenta também é um pouco diferente do que ouvi, já que me relatou que nunca havia pensado sobre isso. Ela menciona sua infância e as mulheres de sua família, em um agir, mais que refletir sobre autoestima. Portanto, coloca que autoestima nunca foi uma questão para ela ou para as mulheres com quem conviveu e por quais ela foi criada.

Pela sua posição como colunista da revista, e também pela atuação em geral no projeto, o diálogo com ela foi diferente por já ter *insights* reunidos e talvez prontos sobre nudez e corpo.

Algo extremamente interessante que ela trouxe para a conversa seria a ideia da roupa como interferência. Dessa forma, se ver como uma “mulher bonita sem roupa” funcionaria como uma alavanca para uma boa autoestima. A roupa e os acessórios serviriam como um “disfarce”, de tal forma, que nua, isso não seria possível. Portanto, a nudez representaria o “real”, sem “máscaras”, digamos assim.

Outro ponto importante que ela trouxe foi a contradição entre desejo de mudança e conformidade. Há muitos discursos presentes como “aceite seu corpo”, “aceite-se do jeito que você é”, “seja você mesma”, discursos que revelam que essa “autoaceitação”, deva sair do interior (de si mesma) para um exterior, mas isso coexiste com desejos de mudar a si mesma.

Eu sou assim, mas eu não me aceito tá? A minha barriga pra mim, eu não gosto, depois que meu filho nasceu eu tive muita estria na minha barriga, eu não gosto da minha barriga por isso. Tipo assim, eu aceito, mas eu não gosto. Hoje eu vou na praia de biquíni, normal, não tenho nenhum problema em mostrar, mas não é uma coisa que eu gosto, mas na revista eu tentei esconder um pouco nas fotos, mas tem uma foto ali que a Bá [fotógrafa] pegou bem ali minhas estrias pra mostrar. Não tenho vergonha de falar, falo pra todo mundo, mostro, mas não é que eu gosto. Eu não gosto, mas não tenho vergonha.

Quando fez seu ensaio, Salete estava iniciando um relacionamento, ela conta que seu companheiro ficou incomodado com as reações de seus amigos sobre o ensaio dela.

Fisicamente eu mudei porque eu engordei, meu cabelo mudou, mas eu sou exatamente o que tá ali, não sei explicar, tem algumas fotos que eu tirei que aparece minha tatuagem com o nome do meu filho, é.... eu me vi ali nas fotos e quem vê e me conhece sabe que é realmente sou eu ali nas fotos, não tem photoshop, não tem maquiagem, a não ser um lápis que eu passei na hora ali e um rímel, um batom vermelho, que é o que eu passo realmente. A não ser que é sem roupa, as pessoas só veem isso: “ah ela tá sem roupa”. Mas não me incomoda, um dia chegaram pro meu marido “ah, eu vi o peito da tua mulher”. Eu não me incomodo, mas ele se incomoda. Mas hoje ele já se acostumou, ele não se incomoda mais.

Enquanto conversávamos, ela apontou para uma das mulheres da revista, contando que a pedido do companheiro desta pessoa as fotografias do ensaio sensual foram retiradas *online*. Mesmo havendo um contrato que resguarda à revista o direito à divulgação das fotos, cederam ao pedido.

Lembro de algumas postagens no *Instagram* onde um homem decidiu perguntar o número de uma das mulheres que realizou o ensaio sensual para a revista. Salete contou-me que já passou por assédio ao postar as fotos dos ensaios sensuais que eram suas também, principalmente as fotos que tinham mais acessos – curtidas e comentários. Segundo ela, todos viram as fotos e ela postou todas no *Instagram* e *Facebook*.

Das fotos que eu fiz? Todas. Todas foram para o meu Facebook, pro meu Instagram, pro site da revista, tá tudo postado. Todo mundo viu, minha família viu. Na época, tava começando um relacionamento que é meu relacionamento atual. Assim, ele começou a meio que ter problemas com os amigos dele. Então, chegavam nele e falavam: “ah, como tu deixou tua mulher fazer isso?”. Como ele já sabia quem eu era e quis ficar comigo assim, ele ignorou algumas críticas, mas eu nunca liguei não. A minha família ama de paixão, assim, minha vó, todo mundo achou lindo meus ensaios e não tive nenhum problema com isso.

Nessas redes, ela também teve inúmeras postagens denunciadas, normalmente por conterem palavras específicas, ou ainda, por serem denunciadas por algum desafeto, conforme ela conta, no início do projeto, passou por uma situação do gênero.

As políticas de censura e privacidades nas plataformas digitais sempre estão mudando. Embora os critérios de censura tenham se tornado menos rígidos, o *Tumblr*, que também é

conhecido como uma plataforma que tem regras de censura mais leves e também conhecido pelo compartilhamento de *nudes* e pornografia, decidiu retirar conteúdos que apresentassem nudez da plataforma. Uma das fotografas que acompanhava e também postava as imagens dos ensaios sensuais que produzia no *Tumblr* teve seu conteúdo excluído.

O Tumblr anunciou, nesta segunda-feira (3), que proibirá conteúdo sexual explícito e nudez a partir de 17 de dezembro na rede social. A nova política de uso deixará de permitir publicações que contenham fotos, vídeos e GIFs de partes íntimas, além de mamilos femininos e atos sexuais — o que também abrange ilustrações. Já as exceções ficam por conta da nudez em estátuas clássicas e protestos políticos, além do erotismo na escrita. Também será liberado desenhos e arte explícitos sem retratar atos sexuais — como amamentação e pós-parto.

A mudança nas diretrizes do Tumblr ocorreu após o aplicativo ser banido da App Store desde o dia 16 de novembro. A Apple removeu a rede social da sua loja de downloads pelo motivo de ter sido supostamente publicado conteúdo pornográfico infantil na plataforma. Até o momento, o app continua indisponível para os usuários do iPhone (iOS) e ainda não há previsão do aplicativo retornar a loja da Apple. Enquanto isso, o Tumblr pode ser baixado e acessado em celulares Android normalmente (RIBEIRO, 2018)

3.7 Memória

O corpo, principal elemento da imagem em questão dos *selfies* e ensaios fotográficos acompanhados, também foi o principal ponto de referência para contar sobre si mesma, ativando outras categorias, como adolescência, relacionamentos, saúde e trabalho, contadas tendo o corpo como “fio condutor”.

As trajetórias contadas criaram a partir do presente, estopins e “marcos”, momentos de transição e passagem, que ocorreram no passado, normalmente sinalizando experiências e transformações corporais vistas de um viés negativo.

A noção de autoestima se atrela com a memória, pois nas histórias contadas a situação desta era alterada por acontecimentos do passado. Mulheres com mais idade que entrevistei normalmente relatavam uma melhor autoestima no presente, em um discurso de “superação”, tendo, portanto, a noção de autoestima como um processo, algo que vai sendo construído. Os marcos acessados pela memória, que se destacam entre outros aspectos, geralmente foram apresentados enquanto problemas de saúde, física ou mental, como cirurgias que deixam cicatrizes, remédios com efeitos colaterais que transformam o corpo em questão, doenças que exigem procedimentos também estéticos, distúrbios alimentares, ganhar ou perder peso rapidamente, ter um filho, casar, se divorciar, trocar de emprego, morar sozinha com uma amiga.

Este marco só é percebido e criado a partir do presente, não existiram no exato momento que aconteceram. Transições, como as apresentadas aqui, que só podem ser percebidas de trás para frente. A fotografia dialoga com a memória ao contar histórias. A motivação para realizar um ensaio fotográfico profissional parece vir muitas vezes dessas situações de passagem, de mudanças bruscas na vida. A experiência dos ensaios sensuais se apoia também no discurso de “se conhecer” e serve para atualizar e reconhecer-se na sua “nova versão” de si. A mudança é exposta, assim como o processo que a envolve também.

Além de rememorar através de imagens, a imagem está ligada à visibilidade. As mudanças são acompanhadas e postadas online. As legendas de imagens muitas vezes são acompanhadas de mensagens de superação, muitas vezes, superação de uma baixa autoestima. Isso gera a controvérsia tratada no capítulo anterior, em que se expor denotaria para alguns, insegurança, o que seria contraditório com a superação dos problemas com o próprio corpo.

A associação entre imagem e visibilidade na *internet* anda junto com noções de autoestima. Como tratado no capítulo anterior, as imagens ocupam lugar central como linguagem digital. Cada vez vemos mais imagens que mostram e priorizam a exposição do banal, do cotidiano, são produzidas e expostas. Como tratado, o corpo é o principal elemento dos *selfies* e ensaio sensuais, além de estar levando os *selfies* que são “conteúdos íntimos” como uma espécie de ensaios sensuais caseiros - ambos retratam pessoas fotografadas, majoritariamente, sozinhas.

Feldman (op. cit.) chama a atenção para o fato de que pessoas que se dizem com problemas de insegurança, baixa autoestima e vergonha de si consigam se expor para as câmeras com tanta facilidade, exibindo as partes do corpo que tanto rejeitam. Talvez os personagens se reconheçam menos neste corpo que se deixa para trás diante das câmeras do que no corpo que aí se constrói, este sim entendido como autêntico. Vale lembrar que há não muitos anos atrás as pessoas que se submetiam a cirurgias estéticas procuravam mantê-las em relativo segredo. Hoje parece não bastar mudar a aparência ou o corpo; é preciso que esta mudança seja ela mesma convertida em imagem e testemunhada por milhões de espectadores. Ao que parece, essa é uma das principais astúcias destes laboratórios da autoestima e da autenticidade (FELDMAN, 2004 apud BRUNO, 2013:75).

Partindo da produção de si e da produção do autêntico, a autoestima se entrelaça aqui com os discursos sobre o autêntico e é gerada a partir das reações *online* a essas imagens, reações estas que não são necessariamente escritas em mensagens e elogios, ou ditas. Pode ser uma comunicação não verbal, por RTs ou curtidas, ou ainda, compartilhamentos.

Há ainda a proposta de servir como inspiração a outras pessoas que passam pelo mesma situação. Dessa forma, a produção de si está aí compartilhada por pessoas que têm um problema ou qualquer tipo de questão em comum, que compartilham e trocam suas experiências. Dessa

forma, é muito mais acessível participar e achar pessoas com o mesmo tipo de situação *online*, que *offline*²⁵.

O “eu” é construído também através do compartilhamento e exposição de suas experiências com outros. A relação eu e outra é constante nos relatos sobre os ensaios. Ao mesmo tempo inclui “se ver”, “se descobrir” “autoaceitar-se”, “ser você mesma”, mas também coexiste melhorar-se (mudar o corpo), se ver como outra, de fora, sair do cotidiano (no caso de alguns ensaios). Há, portanto, múltiplos eus ou versões de si, principalmente, se levado em conta a própria criação da pessoa digital e como se apresenta em múltiplas plataformas.

3.8 Autoestima, autoconhecimento e empoderamento: senso comum e sentido mercadológico

A autoestima destaca a questão de visibilidade *online*, que não é apenas movida por um endosso verbal ou imagético, mas por apenas cliques em botões específicos, como o de *retweetar* ou o de curtir. A exposição de nudez no *Twitter* levanta controvérsias sobre quem pode falar sobre autoestima. Normalmente, há uma certa recusa de alguns perfis com relação a mulheres “dentro do padrão” postarem *nudes* com legendas de autoaceitação ou enfrentamento de problemas de autoestima. A acusação, também já evidenciada, seria a de “biscoitar”, “lacrar”, querer apenas atenção.

Os discursos sobre autoestima também são acionados junto do debate sobre conformidade e aceitação do próprio corpo. Assim, há uma representação do corpo que é real, autêntica, verdadeira em comparação a um corpo montado, ou ainda, a uma ideia de modelo magra e branca em uma capa de revista, ou a uma atriz global dentro de um padrão de beleza hegemônico. Porém, essas noções de “mulheres reais” ou “corpos reais” são bem diferentes, se comparados aos ensaios sensuais e as imagens caseiras. No primeiro caso, a mulher “real”, “natural”, por vezes tende a ser superproduzida, maquiada, com salto alto e lingerie, cenários que aparentam ser mais luxuosos, e as fotos recebem o mínimo de tratamento com *photoshop*. No segundo, dos “ensaios sensuais caseiros”, as imagens contam com o quarto desarrumado, roupas jogadas, ou inúmeras outras interferências na imagem, são mais próximas

²⁵ Como o conceito de biossociabilidade, desenvolvido por Paul Rabinow, que seria uma das formas da manifestação do biopoder, em que surgiriam formas de socialidade organizadas em torno de questões biológicas. Segundo o autor, “seguramente haverá a formação de novas identidades e práticas individuais e grupais, surgidas destas novas verdades” (1999:147). Como é exemplificado, “Haverá grupos portadores de neurofibromatose que irão se encontrar para partilhar suas experiências, fazer lobby em torno de questões ligadas a suas doenças, educar seus filhos, refazer seus ambientes familiares, etc.” (1999:147).

da pessoa (pelo fato dela mesma tirar a foto), em seu próprio quarto, com roupas íntimas comuns (se houver).

Ainda que tenham em comum uma construção do que seria autêntico e espontâneo, essa construção se dá de forma muito diferente. Nas imagens caseiras, há uma maior busca não intencional pelo cotidiano. Nos ensaios sensuais, há uma fuga do cotidiano. Portanto, não há uma única noção daquilo que é real, espontâneo e autêntico, o real pode ser produzido de formas muito diversas.

Há um recorte geracional bem nítido. Em questão da exposição *online*, há uma maior despreocupação entre as mulheres mais jovens, e as mulheres mais velhas normalmente selecionam mais o que postar de imagens em seus perfis. Além disso, as mulheres mais jovens que conversei, apontaram mais problemas em relação a autoestima que as de maior faixa etária. A faixa etária das mulheres mais jovens são de 20 a 26 anos de idade, e a de mulheres mais velhas, 40 a 50 anos de idade. A visão do passado para as mulheres mais velhas conta com a criação de marcos negativos de experiência, mas contam geralmente como esse processo envolveu uma certa “superação” de problemas, e os relatos de ensaios sensuais, por exemplo, trazem narrativas sempre positivas, de superação e amor próprio. Há diferentes noções de autoestima, pois no senso comum, esta remete à questão estética, mas nos relatos, outras noções apareceram, como a sensação de incapacidade, por exemplo.

3.8.1 Autoestima como recurso publicitário

Há discursos bastante saturados sobre autoestima, como aquele que atrela ter uma boa autoestima a ser vaidosa, “se arrumar”, ou os clássicos “se aceite do jeito que você é”, “ame seu corpo” entre outros que ressaltam conformidade e amor próprio, que de certa forma, podem ser demonstrados esteticamente, pelo ato de ter um certo “autocuidado”.

Um exemplo para ilustrar melhor essa questão, seriam os quadros de transformações, em programas de televisão. Nele, a ‘mulher sem autoestima’, vai no salão de beleza, no dentista, faz uma série de intervenções estéticas, em alguns até tem que se desfazer de própria subjetividade para se enquadrar no padrão de uma mulher que tem “boa autoestima”, que inclui ter um determinado tipo de cabelo e usar determinado tipo de roupa. Não que autoestima não esteja nada ligada ao visual, pelo contrário, mas a própria noção de autoestima no senso comum reproduz padrões não apenas de beleza, mas também de felicidade e estilo de vida.

Além do termo autoestima trazer esse tipo de noção mencionada e ao mesmo tempo trazer uma noção de conformidade, como se aceitar do jeito que se é, o “eu” é resultado das

relações - de práticas de subjetivação, auto-intervenção e de comparação com outros. Apesar de opor um “natural”, que “é”, que já está lá, ao corpo que se produz, ninguém, portanto, simplesmente “é”. A ambivalência descrita, da autoestima enquanto autocuidado e transformação e da autoestima enquanto conformidade e autoaceitação, presume um “eu” natural em oposição ao “eu” fabricado, mas o “original” não existe.

Autoestima, muitas vezes, concilia seu sentido enquanto questão de saúde e de produto. Esse mesmo prefixo, como na palavra autoajuda, traz essa noção de responsabilidade individual por si mesmo. Autoestima e autoconhecimento são também palavras-chave disseminadas em terapias alternativas, como o coaching, dentro de empresas, e também na associação entre feminismo e mercado, muitas vezes se utilizando dessa mesma temática terapêutica, sobretudo, a palavra empoderamento.

Retomando a controvérsia do feminismo liberal, no capítulo anterior, a postagem de *nudes* é entendida enquanto tal, por dar a entender uma ideia de empoderamento que é individual e não coletivo, conforme vários debates *online* contrários ao *lingerie day* apontam. Empoderamento e autoestima refletem estereótipo de certo tipo de mulher: mulher empoderada que seria uma mulher bem-sucedida, que se veste bem, super produzida, forte e impositiva. Segundo Nancy Fraser (2018:47), há uma redução de igualdade à meritocracia que envolve o neoliberalismo progressista:

O programa neoliberal progressista para atingir uma ordem de status justa não visava a abolir a hierarquia social, mas “diversificá-la”, “empoderando” mulheres “talentosas”, pessoas de cor e minorias sexuais para que chegassem ao topo. E esse ideal era inerentemente específico a cada classe: voltado para garantir que indivíduos “merecedores” de “grupos sub-representados” poderiam atingir posições de prestígio e poder aquisitivo igual aos dos homens brancos heterossexuais de sua própria classe. A variante feminista diz isso; mas, infelizmente, não é a única. Focado em “afirmar-se” e “quebrar o teto de vidro”, seus principais beneficiários só poderiam ser os que já possuíam o necessário capital social, cultural e econômico. Todos os outros seriam mantidos no andar de baixo.

Dessa forma, esses discursos também tendem a ser paradoxais, por refletir e gerar padrões de comportamento, muitas vezes gerando até aqueles aos quais procuram criticar.

A questão do empoderamento individual é uma das críticas que são feitas às práticas de postagem de *nudes* é submetida na *internet*, o que explica em parte ser vista nos debates *online* como uma prática que dialoga com um “feminismo liberal”.

Medeiros (2017:146) procura identificar três dimensões entre feminismo e neoliberalismo: uma troca de princípios e ideais através de uma absorção de ideias, uma cooptação do movimento feminista pelo neoliberalismo e através da reafirmação identitária,

sobretudo, na “terceira onda feminista”. A autora pontua sobre as noções de autoestima e autoconhecimento e suas relações com neoliberalismo:

O neoliberalismo encoraja os indivíduos a agirem de maneira empresarial em suas vidas, em uma busca constante por autodeterminação e autoestima; este último, um conceito que se confunde com autoconhecimento. Assim, os males não são causados por problemas determinados pelo social, mas sim pela falta de autoestima do indivíduo (Lemke, 2001: 203). Cada um se torna, nesse contexto, responsável pelo próprio bem-estar. (LEMKE, 2001: 203 apud MEDEIROS, 2017:153)

Os paradoxos entre a cooptação e o que a autora chama de barganha, entre feminismo e neoliberalismo, são nítidos se cogitadas frases clichês do movimento, que sempre causam conflitos *online*, como “meu corpo minhas regras”. Isso lembrada própria controvérsia levantada nos outros capítulos, sobre a “liberdade sexual” e a associação de mulheres com o sexual ser ora visto como necessariamente opressor ou necessariamente empoderador.

Além disso, se tomado como exemplo o feminismo enquanto disseminado nas mídias, incluindo as novelas ou anunciado por marcas, é possível traçar não apenas pontos negativos dessa apropriação do feminismo pelo mercado, visto a própria divulgação e disseminação no movimento, ampliando seu acesso.

Há o discurso de mercado e as pautas decorrentes dele no feminismo, como o estereótipo de uma mulher “empoderada” também ser um estereótipo de raça e classe, da mulher que é bem-sucedida financeiramente e é multitarefas, por exemplo. Não à toa, esses discursos permeiam o *marketing* das fotógrafas que realizam ensaios sensuais. Em uma exposição que visitei em Florianópolis, por exemplo, continham mesas de conversa, sendo uma delas “mulheres mães e empresárias”, dessa forma, podemos pensar em um próprio público alvo dos ensaios sensuais profissionais.

Cabe destacar que empoderamento é um conceito que não necessariamente está associado ao feminismo²⁶. Andrea Cornwall aponta diversos sentidos assumidos pela palavra empoderamento, suas contradições, como o esvaziamento do conceito e sua cooptação.

Ernesto Laclau (1990) descreve como, quando as palavras são colocadas juntas em “cadeias de equivalência”, seu significado torna-se contingente dos outros termos da cadeia. Colocar “empoderamento” em uma cadeia de equivalência ao lado de “economia”, “mercados”, “crédito”, “crescimento” empresta qualidades significantes muito diferentes do que quando a palavra é colocada ao lado de “luta”, “conflito”, “direitos” e “poder” (LACLAU, 1990 apud CORNWALL, 2018: n.p)

²⁶ Ver: FREITAS, Ana. A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez. Revista Nexo. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez>. Acesso em 28 de julho de 2019.

Dessa forma, ao invés de salientar demandas coletivas, passa a ser cooptado por uma noção neoliberal. Porém, segundo a própria autora, também haveria formas de reapropriação do conceito:

Se uma característica difusa da atual conjuntura é a junção da mercantilização neoliberal, narrativas de autoconfiança e o triunfo do sujeito individual, as versões de empoderamento mobilizadas por muitos movimentos feministas no Sul global têm a capacidade de ruptura precisamente através de seu mantra da primazia da ação coletiva e conscientização na contestação das desigualdades incorporadas e naturalizadas. Esses e outros modos de resistência e ressignificação abrem a possibilidade de reivindicar o empoderamento como um processo de transformação das estruturas e relações de poder (CORNWAL, 2018, n.p)

Os discursos de *marketing* dos *websites* e páginas de fotógrafas tendem a trazer um potencial terapêutico. Normalmente, elas precisam pensar sobre o próprio trabalho, havendo nas páginas muitos insights sobre o ato de fotografar, sobre empoderamento ou feminilidade, dessa forma, elas têm já certo contato com o feminismo. A diferença que mais foi nítida para mim, com a equipe de fotógrafas que mais acompanhei, e outros, que acompanhei mais a distância, é que esses últimos usam inúmeros conceitos derivados do movimento feminista, como empoderamento ou discursos de “amor-próprio”, ou ainda, abordando e tratando como universais “dilemas de mulheres”, principalmente relacionados com o corpo. Mesmo se utilizando desses conceitos, não se dizem e se autointitulam feministas, diferente da revista mencionada anteriormente.

Essa “cautela” é também alvo de críticas quando empresas se utilizam do feminismo, porque apesar de se utilizarem do conceito de empoderamento, não vão tão longe, e nem mencionam feminismo, por exemplo - é um discurso, digamos, mais suave. Algumas propagandas de empresas que se utilizam de conceitos feministas só se encontram *online* e não são divulgadas na programação de televisão aberta.

As páginas das fotógrafas acionam o tempo todo noções da condição de ser mulher. Um padrão nessas páginas bastante nítido é a tentativa de captar com a câmera uma “essência feminina”. O próprio *marketing* dos ensaios sensuais profissionais acionam discursos de feminilidade, do que é ser mulher e de que tipo de mulheres estamos falando. Alguns “dilemas universais” são esperados dessas mulheres, o como por exemplo problemas de autoestima e insegurança com o próprio corpo, gostar de se embelezar, dessa forma, ressaltando uma ideia de autocuidado.

Essa noção de feminilidade e condição de ser mulher estão atreladas com discursos sobre autoestima, como já mencionado. Em quem pensamos quando falamos de uma mulher em termos de autoestima e empoderamento? Há também nela um notável respaldo à fala “mulher

tem que se cuidar”. Autoestima também é contraditória, nesse sentido. Os projetos que dizem “quebrar padrões” normalmente são cautelosos nessa “quebra”, ou acabam reproduzindo padrões de beleza. Muitas vezes, isso também acaba gerando assuntos *online*, como a marca que lança coleção plus size, mas que a mesma coleção é vestida por modelos magras, ou como já dito, mulheres dentro de vários padrões estéticos que reclamam ou se utilizam de discursos de superação de problemas com autoestima, acabam se tornando memes.

Muitas vezes, as próprias sugestões de preparação para o ensaio acabam reproduzindo e impondo padrões. Embora, de certa forma, mostrar mulheres um pouco fora das habituais representações hegemônicas - como mostrar mulheres com tatuagens e *piercings*²⁷, já representa uma ruptura forte com uma certa normatividade de ideal de beleza, embora absurdamente cautelosa.

Uma discussão presente *online* seria o privilégio de se mostrar nua, daí o paradoxo entre hiperssexualização de corpos negros e ao mesmo tempo a representatividade desses mesmos corpos. Um episódio recente, envolvendo a atriz Maria Casadevall²⁸, quando se manifestou politicamente com os seios à mostra em um bloco de carnaval, gerou polêmica no *Twitter*. Algumas pessoas apontaram que o fato dela poder sair assim era um privilégio branco, já que mulheres negras seriam mais hiperssexualizadas. Esse paradoxo foi apontado no capítulo anterior e no próprio relato de Salete no capítulo presente. No caso da atriz, remonta novamente à questão da objetificação vs. empoderamento.

Bom, é possível abrir a questão de que mulheres fazem ensaios sensuais. São mulheres brancas, negras, muitas vezes gestantes, com uma idade entre 20 e 40 anos. Mas de qualquer forma, porque seria prioridade para várias mulheres pagarem por um ensaio? Da mesma forma, que empecilhos estariam colocados para postar as imagens íntimas no próprio perfil, sendo as fotos caseiras?

Isso pode estar conectado de alguma forma com as noções de ser mulher colocadas nas “propagandas” nas páginas de fotógrafas que realizam ensaios sensuais, principalmente no que tange a questão de classe. Nos ensaios caseiros, uma das polêmicas do *#lingerie day* era que existiam poucas mulheres “fora do padrão” postando imagens, além da questão do algoritmo, e da contradição levantada entre insegurança/discurso de superação nas legendas das imagens. Pode-se pensar se mulheres “fora do padrão” estariam mais desencorajadas a postar esse tipo

²⁷ Um exemplo dessa apresentação de forma alternativa de noção de beleza seria a página *Suicide Girls*.

²⁸ Disponível em: <https://caras.uol.com.br/carnaval/apos-criticas-maria-casadevall-se-retrata-sobre-polemica-do-topless-sou-privilegiada.phtml>. Acesso em 09 de abril de 2019.

de fotografia em modo público, por estarem mais propensas a receber maior quantidade de assédios ou até mesmo comentários pejorativos. Como exemplo, em algumas páginas em que mulheres podem submeter imagens íntimas, há exigências de aceitação de imagens apenas para mulheres cis.

Além de pensar as mulheres como portando uma identidade comum, embasados em discursos sobre a essência de ser mulher, algo comum entre as páginas de fotógrafas é a superprodução (maquiagem, roupas, cenários), e também a tentativa de pensar em dilemas comuns às mulheres, como inseguranças com o próprio corpo, ou o potencial multitarefas, da mulher que é mãe, empresária e tudo que inclui o estereótipo pensado de “mulher moderna”. Sobretudo, o que acaba unindo as fotógrafas, não obstante as diferenças entre elas, seria a contranarrativa a outro tipo de representação das mulheres nas mídias: uma contranarrativa à pornografia *mainstream*, às capas de revistas ou a discursos que reforçam padrões de beleza. As palavras chaves autoestima, empoderamento e também - principalmente - autoconhecimento, estão presentes em todos.

De certa forma, esse movimento da autoexposição (principalmente paga) usa, ao mesmo tempo que se contrapõe, elementos de outras formas “anteriores” de representar mulheres. Embora, ainda sim, com suas controvérsias, seja uma resposta a outro modelo de representação das mulheres em mídias digitais ou impressas.

Neste capítulo, apresentei breves relatos dos diálogos com mulheres que realizaram ensaios sensuais, caseiros ou profissionais, e em alguns casos, ambos. Dos relatos das mulheres, procurou-se também ter uma perspectiva mais crítica sobre o papel das fotógrafas, e através do *marketing* e do comportamento destes, houve a tentativa de esclarecer um pouco melhor as interlocutoras, o sujeito de pesquisa, visando a problemática em se falar em “mulheres” como algo homogêneo. Dessa forma, houve a tentativa de responder à pergunta: De que mulheres estamos falando?

Além disso, tanto envolvendo os discursos de fotógrafas quanto das mulheres [auto]fotografadas, este capítulo teve como objetivo articular reflexões sobre os conceitos de autoestima, autoconhecimento e empoderamento, salientando paradoxos que esses mesmos debates geram.

Considerações finais

Meus questionamentos iniciais foram saber quais as motivações para realizar um ensaio sensual e apresentar a exposição posterior dessas imagens online e das imagens “caseiras” como um ato criativo, e não necessariamente (e apenas) vê-los de uma ótica pessimista. Desde então, tanto o diálogo com as interlocutoras e as narrativas online, assim como a escrita, acabaram redirecionando algumas questões centrais. Discutir autoestima, autoconhecimento ou o nicho de mercado para tais conceitos (e aí estão incluídas a centralidade das contradições), são exemplos de questões que não eram pensadas como centrais ou importantes, mas acabaram se tornando.

Algumas questões ficaram em aberto propositalmente. Por exemplo, não se procurou responder às controvérsias sobre se a nudez autoexposta reproduz hiperssexualização ou se ela é “empoderadora”. A própria questão da pornografia apresentada para contextualizar o tema, ou se a nudez autoexposta é pornográfica ou não, não foram questões pensadas para ser respondidas, e sim, para gerar mais questionamentos. A pornografia ajudou a refletir sobre o debate e contradições da autoexposição de conteúdo íntimo, assim como explicitar a tendência de fetiche pelo banal e cotidiano.

Mapear as controvérsias da própria contranarrativa às formas de representação de mulheres tradicionais, como a pornografia mainstream, também soou como uma não-resposta para a questão se formas de representação alternativas apontadas podem ser responsáveis por uma transformação na própria pornografia ou nas capas de revistas, nas campanhas de lingerie, ou promover visibilidade de outros corpos – aqueles que não correspondem aos padrões hegemônicos de beleza no geral.

A ideia dessa contranarrativa, como mostrado, é muito presente e apontada por quem posta nudes de forma caseira no twitter, como quem faz um ensaio sensual, ou quanto as profissionais – fotógrafas – envolvidas, assim como apontada por vários nichos pornográficos. A contranarrativa também virou um mercado, mas demonstra a emergência de transformação de formas de representação “anteriores”. Há o surgimento de pornografias alternativas, uma valorização de uma ideia do que seria “natural”, “real” e produção de várias estéticas diferentes para este representar este “real”, passando, pela fabricação do cotidiano, do real, do verdadeiro, em oposição a uma noção de algo não espontâneo, artificial, limitado por padrões hegemônicos de beleza e reforçado por expressões viralizadas, como empoderamento, não só apropriado pelo mercado, mas muitos vezes termo descontextualizado de um cenário feminista.

Além de tornar visível a emergência de transformações na representação de mulheres, novas pornografias, o fetiche pelo real e a produção de imagens do cotidiano, há um contexto maior entre nudez e político. E talvez, uma consideração final que não seja deixada em aberto é que a nudez é algo que gera controvérsias e incomoda.

A categoria oriunda dessa prática é o “sensual”, assim denominado pelas fotógrafas. Os “ensaios sensuais caseiros”, referidos aqui como formas caseiras de produção de imagem de si, atendem simplesmente por nudes. Como indicado, há a relação do online com o embaralhamento de fronteiras, assim, não há como separar limites (ou categorizar) algo como erótico, obsceno, pornográfico, sensual ou artístico, pois esses múltiplos apelos se confundem. Outras categorias tanto na fala das fotógrafas e das mulheres [auto]fotografadas, apareceram recorrentemente: empoderamento e autoestima/autoconhecimento. Uma das contradições gerais, além das contradições referentes a própria noção de autoestima, foi empoderamento/objetificação, dessa forma, a prática é lida nos debates online em ideias antagônicas.

As contradições expostas foram centrais na medida que evidenciam os debates sobre o tema que ocorrem online. De um lado, parece haver uma postura muitas vezes tutelar em relação à reação da nudez autoexposta, e de outro, indicar uma associação dessa prática com um contexto individualista, um “empoderamento individual”. A prática de autoexposição de conteúdo íntimo diz muito sobre os feminismos na web, desde o boom online de feminismo radical, a associação de feminismo e neoliberalismo.

Buscou-se refletir sobre agenciamentos através da apropriação de referências mainstream, atualizando-as, incluindo a discussão sobre a performance que faz com que um ensaio sensual seja considerado sensual (ou erótico, obsceno, “nudez artística”, pornográfica), usando para isso o conceito de enquadre, ressaltando o ato de criar a partir de contextos aparentemente hiperssexualizantes, os atualizando, como é o caso do lingerie day.

Há ainda, a possibilidade de risco, de não controlar as dissonâncias online, assim como tentativas de controlar essa disseminação, principalmente com ferramentas dispostas pelas próprias plataformas digitais que, ao mesmo tempo que oferece meios para controlar a disseminação de uma postagem, a própria plataforma tem meios de controle, como regras que envolvem a censura e privacidade.

As próprias plataformas digitais envolvem convenções específicas de comportamento, assim como, há muitas diferenças entre os nudes online caseiros e os oriundos de ensaios sensuais “profissionais”. Enquanto um entra no cotidiano, o outro se distancia dele, embora ambas as formas abordadas de produção de imagens apresentam uma noção de autenticidade.

Autoconhecimento e autoestima são apresentados como termos que estão ligados entre si, sendo mostrado sua relação com o online e como autoestima e autoconhecimento tem proliferado mercados. A autoestima foi considerada enquanto processo – sendo indicado pelas trajetórias de vida ou momentos de passagem, sendo o corpo algo que norteia esse caminho. A imagem aparece como algo que vem expor não um processo de transformação, um “antes” e “depois”, mas o próprio processo de mudança.

As mídias digitais, como a plataforma acompanhada – o Twitter – também funciona como um diário, em que mudanças de si e de outrem são acompanhadas, mostrando também trajetórias de vida.

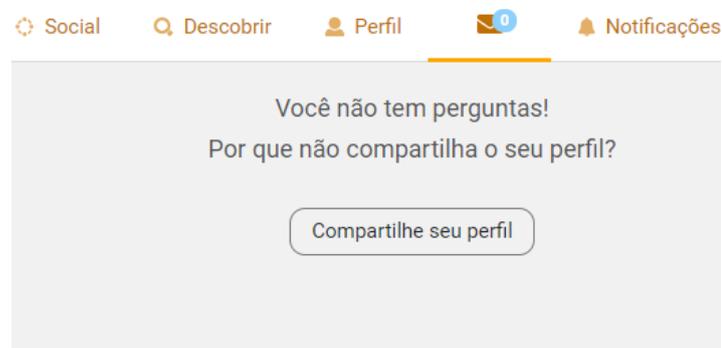
A produção de imagens de si também indica transformações na própria forma de fazer imagem, de como nos fotografamos no tempo dos selfies e smartphones e de como cada vez mais exteriorizamos nossa intimidade e cotidiano nas mídias digitais. A produção de imagem indica uma produção do “eu”, como ela propicia “se descobrir”, “se ver como outra”, propondo uma experimentação de si e construção de subjetividades.

Glossário²⁹

Aestheticization: *Aesthetic*, em tradução livre, significa estética. Porém, o termo é utilizado para se referir a uma noção específica do que é considerado belo. Ver sobre “*Suicide Girls*”, abaixo.

Chamar na DM: DM, sigla para *direct messages*/mensagens diretas. Significa enviar mensagens privadas a alguém.

Curious Cat: Mídia social que permite com que pessoas façam perguntas, principalmente de forma anônima, a alguém. Recentemente, o *Curious Cat* passou a enviar perguntas automáticas a quem possui uma conta. É possível escolher uma foto de capa e perfil e também seguir pessoas e curtir repostas. O perfil pode ser compartilhado/divulgado em outras plataformas, como *Twitter* e *Instagram*, dessa forma, o *Curious Cat*, para sua popularidade depende do compartilhamento em outras plataformas e é pouco utilizado de forma isolada.



Emojis: Expressões faciais, imagens e símbolos. Exemplos: 😊❤️.

Facebook: É uma plataforma digital onde podemos nos tornar “amigos” de alguém, seguir ou não seguir outrem, criar grupos, curtir páginas, marcar interesses em eventos. As funções de uma publicação, pelo menos as principais, incluem curtir, comentar e compartilhar. As publicações aparecem na linha do tempo (*timeline*), onde podemos ver as publicações de amigos, eventos e páginas que seguimos.

Hashtag (#): Este símbolo pode ser usado para formar palavras chaves em mídias digitais. Ao pesquisar por *#lingerieaday*, é possível ver os posts de todos que usaram essa mesma tag.

²⁹ Imagens do glossário são prints meus das contas, buscas ou visitas feitas às páginas.

Assuntos do momento: Brasil

Alterar

#CalaBocaGentili

cordélia, chilling adventures of yueh e mais 4 estão tweetando sobre isso

#NovoClipeIZA

2.201 Tweets

#MariellePresente

ana, all the CIRO ladies e mais 1 estão tweetando sobre isso

#Sofazinho

Luan Santana lança clipe com Jorge & Mateus

#FofocalizandoNoSBT

2.164 Tweets

Justin Bieber e Hailey Baldwin

1.775 Tweets

Leo Dias

2.449 Tweets

Lois Lane

4.168 Tweets

Marielle Franco

6.165 Tweets

Rocinha

3.780 Tweets

Instagram: Mídia social com o objetivo de compartilhar imagens, as imagens podem ser comentadas e curtidas. Há recursos relativamente recentes como os *Stories* (imagens que podem ser visualizadas por 24h e se apagam sozinhas) e também a possibilidade de criar grupos de bate-papo.

Lacrar: Inicialmente como uma gíria LGBT, e uma expressão-meme, seu significado foi se tornando um pouco mais pejorativo, como a busca de atenção online ou uma problematização vazia: “só quer lacrar na *internet*”.

“**Levar hate**”: Receber um grande número de reações negativas online. Próxima da ideia de linchamento virtual.

Likes: Curtidas de uma publicação, favoritar uma publicação.

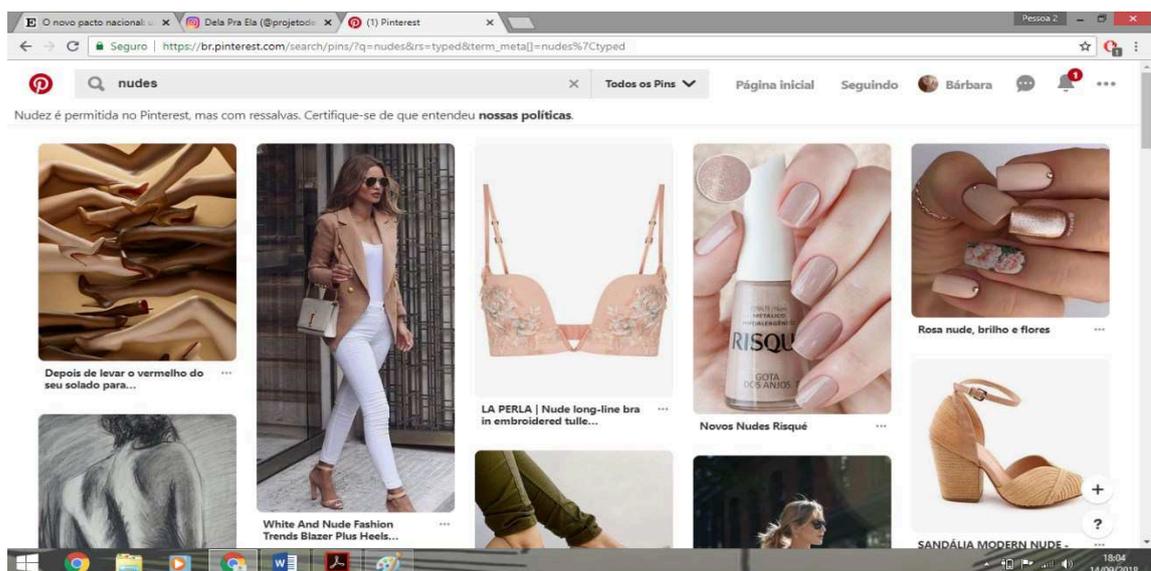
Memes: Viralização de determinada publicação - imagem ou mesmo, vídeos, às vezes, sendo apenas textual, ou ambos.



Figura 1 Meme que é jocoso com os ensaios sensuais voluntários, esse meme também decorre da crítica ao comportamento abusivo de fotógrafos e que duvida da justificativa para os ensaios.

Nudes: imagens de alguém nú/nua.

Pinterest: Também tendo as imagens como centrais, o *Pinterest* permite organizar pastas dos pins - que seriam as imagens presentes e salvas. Diferente do *Instagram*, o *Pinterest* é mais utilizado pelo compartilhamento de imagens que não sejam próprias das pessoas que utilizam.



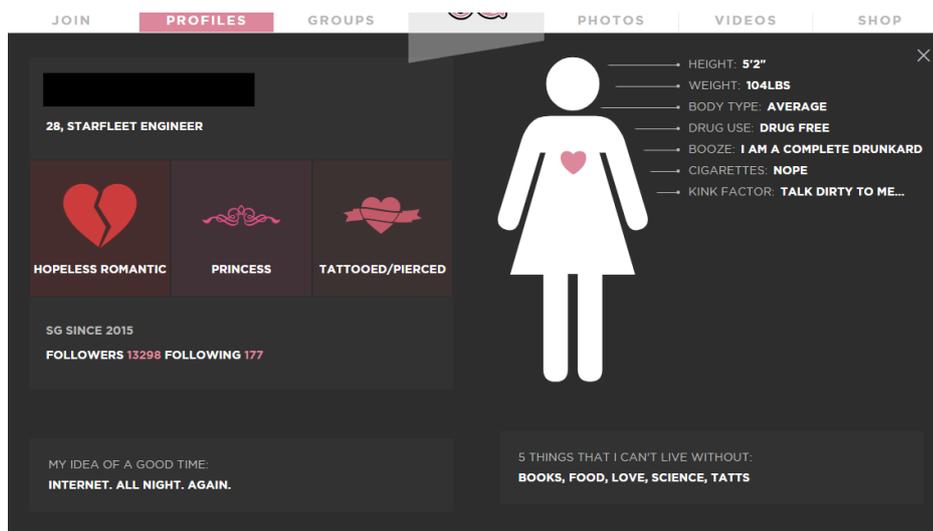
Prints: 'Printar' significa captar a imagem de tela do *smartphone* ou computador.

Retweet (RT): Uma das formas de compartilhamento no *Twitter*. Ao *retweetar*, você compartilha o conteúdo de outrem em seu próprio perfil.

Selfies: Autofotografia. Tirar uma foto de si mesmo, as poses possíveis/ângulos com esse mecanismo também são recorrentes, como estender os braços, tirar uma foto no espelho, por exemplo.

Snapchat: Mídia social similar ao recurso de “Stories” do *Instagram*, porém o *Snapchat* surgiu primeiro, também é similar a função “status” no *Whatsapp* ou *Facebook*, onde postam-se imagens que permanecem visíveis 24 horas e depois se apagam automaticamente. Também pode-se controlar quem verá as imagens, enviando para uma pessoa específica. As imagens e vídeos devem durar no máximo 10 segundos. Quando postada publicamente, na “história”, a foto permanece por 24 horas, porém, quando enviada de forma privada para alguém, a pessoa só pode visualizar 2 vezes a imagem.

Suicide Girls: Mencionado no artigo de Feona Attwood (2007), segundo consta no próprio site, o objetivo seria uma redefinição de beleza, especificado pelo site como garotas *pin-up*/alternativas, com piercings e tatuagens, portanto, apela para uma ideia de estética bem específica. É possível enviar sua submissão para ser modelo no site. É necessário pagar para acessar conteúdo completo e é possível interagir com as modelos. As imagens disponíveis normalmente têm uma conotação sensual/erótica.



Timeline: Linha do tempo. Página em que podemos ver as publicações de perfis que seguimos.

Tumblr: Mídia social em forma de um *blog*, é possível *reblogar* conteúdos e seguir pessoas. Segundo a página inicial do *Tumblr*: “Nós deixamos a coisa muito, muito fácil para que as pessoas possam criar um blog e publicar o que elas bem entenderem. Histórias, fotos, GIFs, programas de TV, links, piadas inteligentes, piadas bobas, Spotify, vídeos, MP3, moda, arte, papo-cabeça, etc. Tudo cabe nos 436 milhões de blogs que compõem o *Tumblr*”. Assim como o *Twitter*, é uma rede com regras brandas de censura à nudez e também difícil de identificar quem posta, assim como seguir familiares e pessoas que se conhecem pessoalmente.

Twitter: *Microblog* cujo conteúdo deve ter o limite de 280 caracteres. Há funções de compartilhar o *tweet* de outrem (*retweetar*), curtir, comentar e citar um *tweet* com uma resposta. É possível enviar mensagens diretas, seguir pessoas, postar imagens, *gifs* e vídeos. Essa rede também mapeia os assuntos mais discutidos do momento com base em região, como no Brasil, em sua cidade, ou a nível mundial.

Whatsapp: Plataforma privada em comparação ao *Facebook* e *Twitter*, cujo objetivo é o recebimento e envio de mensagens para alguém específico ou para grupos de pessoas. O Whatsapp é conectado ao número de telefone móvel, podendo ser feitas através deles chamadas telefônicas, chamadas de vídeo, envio de áudio, imagens e vídeo.

Referências bibliográficas

- 1001 FESSES PROJECT.** English. Disponível em: <http://1001fessesproject.com/english/>. Acesso em 22 de outubro de 2017.
- ABOUT ifeelmyself.com. **I Feel Myself.** Disponível em: <http://www.ifeelmyself.com/public/main.php?page=about>. Acesso em 22 de outubro de 2017.
- ABOUT. **Me in My Place.** Disponível em: <http://meinmyplace.com/about>. Acesso em 22 de outubro de 2017.
- Após críticas, Maria Casadevall se retrata sobre polêmica do topless: "Sou privilegiada". **Revista Caras**, 2019. Disponível em: <https://caras.uol.com.br/carnaval/apos-criticas-maria-casadevall-se-retrata-sobre-polemica-do-topless-sou-privilegiada.phtml>. Acesso em 09 de abril de 2019.
- ATTWOOD, Feona. **No Money Shot? Commerce, Pornography and New Sex Taste Cultures.** Sexualities Copyright © 2007 SAGE Publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi) Vol 10(4): 441–456 DOI: 10.1177/1363460707080982 <http://sex.sagepub.com>
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOELLSTORFF, Tom. Rethinking Digital Anthropology. In: MILLER, Daniel; HORST, Heather (ed.). **Digital anthropology.** London: Berg, 2012.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2013. 190 p. (Coleção Cibercultura)
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: imagem e história.** Bauru: EDUSC, 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Tradução de Renato Aguiar.
- CORNWALL, Andrea. **Além do “Empoderamento Light”: empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global.** Cadernos Pagu (52), 2018:e185202.
- CORRÊA, Raquel Cristina Melo. **Selfies e Nudes: Novas Práticas Afetivo-sexuais na Contemporaneidade Digital.** In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - São Paulo, 05 a 09/09/2016. GP Ciberculturas, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016, 1-15.
- CURY, Bernardo. LingerieDay completa 3 anos de sucesso: 'Era só brincadeira', diz criador. **Techtudo.** 25 de setembro de 2012. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/07/lingiereday-completa-3-anos-de-sucesso-era-so-brincadeira-diz-criador.html>. Acesso em 23 de novembro de 2018.
- DINIZ, Débora. **Ética na pesquisa em ciências humanas - novos desafios.** Ciência & Saúde Coletiva, 13(2):417-426, 2008.
- FERNÁNDEZ, June. Conheça o pós-pornô, movimento que une arte, pornografia e ativismo com viés feminista. **UOL: Opera Mundi.** 17 de julho de 2015. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/samuel/41048/conheca-o-pos-porno-movimento-que-une-arte-pornografia-e-ativismo-com-vies-feminista> Acesso em 21 de novembro de 2018.

FREITAS, Ana. A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez. **Nexo Jornal**. 06 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez>. Acesso em 28 de julho de 2019.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 10.ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2002.

GOLDENBERG, Mirian; WERNECK, Alexandre. **O nu em evidência: as formas de legitimação de “o corpo” como capital**. TRAMA INTERDISCIPLINAR - Ano 1 - Volume 1 – 2010: 125-139.

GREGORI, Maria Filomena. **Relações de violência e erotismo**. Cadernos Pagu (20) 2003: pp.87-120.

HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX.” In Tomaz Tadeu (org.), **Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LEITÃO, Débora Krischke; GOMES, Laura Graziela. **Gênero, sexualidade e experimentação de si em plataformas digitais on-line**. Civitas, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 171-186, jan.-abr. 2018.

MACHADO, Nealla Valentim. **“Manda nudes?”: Imagens íntimas e as representações de gênero na mídia brasileira**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

MARTINS, Alice Fátima. **As hiper mulheres kuikuro: apontamentos sobre cinema, corpo e performance**. Revista Sociedade e Estado - Volume 29 Número 3, Setembro/Dezembro 2014.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. **Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito**. Revista Brasileira de Ciências Sociais Vol. 27 n° 79, junho/2012.

MILLER, Daniel; HORST, Heather. “The digital and the human: a prospectus for digital anthropology. In: _____ (ed.). **Digital anthropology**. London: Berg, 2012, 3-36.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico**. MANA 14(2): 455-475, 2008.

PARREIRAS, Carolina. **Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online**. *Cadernos Pagu* (38), janeiro-junho de 2012:197-222.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero no mercado do sexo**. Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp.7-23.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

PRECIADO, Paul Beatriz. **“Mujeres en los márgenes”**, 2007. Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/semana/Mujeres/margenes/elpepuculbab/20070113elpbabese1/Tes>. Acesso em 22 de Setembro de 2017.

RABINOW, Paul. **Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

REYES, André. **Revista Sensual – Seja a capa da sua própria revista**. Disponível em: <http://blog.andrereyes.com.br/2010/03/02/seja-a-capa-da-sua-propria-revista/>. Acesso em 31/10/2018.

RIBEIRO, Carolina. Tumblr decide banir conteúdo pornográfico em breve; entenda o caso. **Techtudo**, 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/12/tumblr-decide-banir-conteudo-pornografico-em-breve-entenda-o-caso.ghtml>. Acesso em 13 de março de 2019.

SIBILIA, Paula. **A nudez autoexposta na rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza?** *Cadernos Pagu* (44), janeiro-junho de 2015:171-198.

SILVA DE MEDEIROS, Fernanda Luísa. **Feminismo e neoliberalismo na contemporaneidade: uma “nova razão” para o movimento de liberação das mulheres?** Teoria e Pesquisa: Revista de Ciência Política, v. 26 n 2, p. 146 – 167, 2017.

THE PROJECT ISM PRINCIPLE. **I Shot Myself**. Disponível em: <https://www.ishotmyself.com/public/general.php?p=about> Acesso em 22 de outubro de 2017.

THOMAZ, Omar Ribeiro. A Antropologia e o Mundo Contemporâneo: Cultura e Diversidade. *In: Silva, Aracy Lopes da & Grupioni, Luís Donizete Benzi (orgs). A Temática Indígena na Escola*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. p. 425-444

TRINDADE, Lorena de Andrade. **“Pornografia de vingança: da vergonha à exposição positiva”**. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.